



A alcunha *galego* no português de Santa Catarina: o que revelam os dados do ALERS

Galego as a nickname in the Portuguese of Santa Catarina: Findings from ALERS

Fernando Hélio Tavares de Barros

Universidade Christian-Albrechts de Kiel (CAU), Kiel, Schleswig-Holstein / Alemanha
fernando.helio@ufrgs.br

Lucas Löff Machado

Universidade Católica de Eichstätt e Ingolstadt (KU), Eichstätt, Baviera / Alemanha
lucas_loff@hotmail.com

Grasiela Veloso dos Santos Heidmann

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT / Brasil
grasinhavs@hotmail.com

Neusa Inês Philippsen

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT, Campus Sinop), Sinop, MT / Brasil
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo / Brasil
neinph@yahoo.com.br

Resumo: É conhecida a figura dos *galegos* no folclore luso-brasileiro. A língua através de suas diversas expressões reflete a Galícia e seus habitantes na memória coletiva dos luso-brasileiros, mesmo que de maneira opaca. O objetivo deste estudo é descrever o uso da alcunha *galego* no português falado no Estado de Santa Catarina - SC, no sul do Brasil. As perspectivas da onomástica e da geolinguística delineiam as bases teóricas dessa investigação. Por meio dos dados levantados e disponibilizados pelo *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS*, foi possível analisar a pergunta “pessoa que tem cabelos loiros e tez clara, dizemos que é?” (Questionário

3.3.3 - ALERS). O levantamento lexicográfico dessa forma lexical revelou inicialmente uma diversidade de conteúdos semânticos tanto na Península Ibérica quanto na România Nova. O uso de *galego* em SC permeia duas importantes áreas geográficas de assentamento luso: a primeira no litoral, conhecida como zona açoriano-catarinense, marcada pela influência da imigração açoriana e a segunda historicamente descrita como rota de passagem de tropeiros e de influência paulista. Encravadas entre essas duas áreas estão as regiões coloniais, majoritariamente, italianas, alemãs e eslavas, para onde o uso da forma *galego* foi difundido. A acepção “pessoa de cabelos loiros” foi a de maior frequência. A hipótese é que sua origem seja resultado das diferenças fisionômicas entre as regiões sul e norte de Portugal. A carga semântica também poderia ser reflexo da situação dos *galegos* da Galiza em *status* de minoria e diáspora em Portugal, considerando-se os seus traços físicos como motivação denominativa.

Palavras-chave: geolinguística; antroponímia; léxico; *galego*; Santa Catarina/Brasil.

Abstract: The figure of *galegos* (Galicians) is well known in the Luso-Brazilian folklore. The Portuguese language reflects, although at times opaquely, how Galicia and its inhabitants are collectively perceived by Brazilians. This study aims to describe the use of the nickname *galego* in the Portuguese spoken in the southern Brazilian state of Santa Catarina (SC). Onomastics and geolinguistics will provide the theoretical framework for it. *The Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil –ALERS* included the question “how do you call a pale-skinned person with blonde hair?” (question 3.3.3 - ALERS), whose answers will be here discussed. The lexicographical analysis of the term initially revealed semantic diversity, both in the Iberian Peninsula and in the Romania Nova. The use of *galego* in SC is spread across two important geographical areas of lusophone settlement: the first one is known as Azorian-Catarinense, in this coastal area immigrants from the Azores settled down leaving a deep influence; the second one has been historically under São Paulo’s influence, since it served as a pass route for cowboys. The use of the term *galego* was finally spread into the colonial regions (mostly of Italian, Slavonic and German origins), that developed between both regions. The term was mostly applied with the meaning “blonde-haired person”. Our hypothesis is that such meaning originated from the different physical features of the inhabitants of southern and northern Portugal. The semantic loan may also reflect the minority status of Galicians in Portugal, their physical aspect being what would have triggered such denomination.

Keywords: geolinguistics; anthroponymy; lexicon; *Galician*; Santa Catarina/Brazil.

Recebido em 6 de dezembro de 2017.

Aceito em 19 de fevereiro de 2018.

1 Introdução

Na pacata Barcelos (Portugal), um crime andou preocupando seus habitantes. Isso até um moço *galego*, um estranho no local, ser acusado e condenado à forca. Antes do enforcamento, o rapaz pede para ir à presença do juiz que o condenara. Chegando à casa do magistrado o pobre *galego* roga por sua inocência, conjurando que o galo que, naquele momento na panela a cozinhar, se levantaria e cantaria na hora de sua morte provando a injustiça a ser feita. O galo, em alguns instantes antes do adeus do jovem, sem hesitar, se pôs em pé e o seu estrondoso canto ensurdeceu as orelhas dos incrédulos. O juiz equivocadamente levantou-se e dirigiu-se ao local do ato para corrigir o seu erro. Por sorte, o *galego* havia se salvado por um nó mal dado na corda.

Como um dos contos folclóricos portugueses mais populares, o *galo de Barcelos*¹ é apenas uma das lendas em que a figura do *galego* é elemento na imaginação lusitana. O Brasil, como fruto da América portuguesa, herdou a presença dos *galegos* em sua expressão popular. Contudo, pouco ainda se conhece da figura do *galego* no imaginário luso-brasileiro. Com o propósito de contribuir para sua descrição etnográfica, apresentamos, como foco nesse artigo, dados inéditos do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* sobre o uso e o conhecimento da alcunha *galego* no repertório linguístico dos habitantes de Santa Catarina.

Iniciamos o texto com algumas noções sobre antroponímia e o estudo específico das alcunhas. Após, apresentamos a bibliografia existente sobre esse apelido popular, em particular, nos poucos registros em atlas linguísticos e dicionários consultados. Em seguida, nos atemos ao *corpus*, tanto quantitativo quanto qualitativo, que produziu a pergunta 19 – De pessoa que tem cabelos loiros e tez clara, dizemos que é – do *Questionário semântico-lexical específico (3.3.3) de Santa Catarina* aplicado pelo ALERS (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011, p. 53).

¹ A versão contada no texto é uma das existentes na literatura. Ela foi retirada do site oficial da municipalidade de Barcelos – Portugal. Disponível em: <<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/barcelos/lenda-do-galo>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

2 Antroponímia e o estudo da alcunha

O termo antroponímia (antroponomástica) foi utilizado pelo filólogo lusitano José Leite de Vasconcelos, em 1887, na sua *Revista Lusitana*. Este ramo é uma subdivisão da Onomástica, ciência que se aplica ao estudo dos nomes, seja da toponímia, onímia, antroponímia e outros (KREMER, 2006, p. 720). Pela definição de Nunes e Kremer (1999, p. 5), os três tipos fundamentais de antropônimos constituem-se em prenomes, nomes de origem e os delexicais. Os prenomes relacionam-se ao primeiro nome, já os nomes de origem, ao segundo nome (sobrenome, cognome), este, por sua vez, é mais abrangente e, de certa forma, identifica o indivíduo na sociedade e constitui a base dos nomes de família. Por conseguinte, os nomes delexicais referem-se aos nomes tirados do léxico comum ou geral, nessa categoria estão as alcunhas ou apodos. Para Polanah (1986, p. 142), a alcunha também se classifica como um sobrenome, “visto que se sobrepõe ao nome pessoal”, tanto nome como sobrenome, “são duas fórmulas que servem para significar o indivíduo em dois momentos muito distintos da sua existência: o nome prognostica;² a alcunha diagnostica”.

No Brasil, o termo “apelido”³ é popularmente utilizado no lugar de “alcunha”. As alcunhas surgem por motivações externas, relacionadas às vivências das pessoas. Segundo Brito (1998, p. 846), “a alcunha, nome-outro forjado propositadamente para um indivíduo em concreto, inscreve-se num discurso de rigor, uma vez que o retrata fielmente aos olhos do grupo e o individualiza, cumprindo exemplarmente a sua função social”. Ainda, complementa que a alcunha é uma espécie de “batismo

² Carvalinhos (2007, p. 2) salienta que no começo dos tempos os nomes tinham uma expressão conotativa que era facilmente decodificável. Modernamente, os nomes não são mais utilizados como prognósticos, devido ao esvaziamento semântico que passaram ao longo do tempo. Na população brasileira é notadamente perceptível nomes inspirados, principalmente, por influências de meios de comunicação de massa (nomes de heróis telenovelisticos) e outros.

³ Ramos (1990, p. 23) aponta sinonímias dessa lexia: “anexim, alcunha, mau-nome, alcunho, cognome, apelido, nomeada, todas essas expressões se referem à mesma realidade concreta e palpável que povoa o universo linguístico e simbólico de milhares de locutores que se apoiam na palavra oral como instrumento privilegiado de comunicação”.

do povo”; o povo é, nesse caso, o criador e, de certa forma, tem para si o poder que legitima um apodo no seio do grupo social.

Para a autora, quando o epíteto é aprovado pelo grupo, significa que há um acolhimento que torna o indivíduo aceitável no seio deste. No entanto, contrariamente a esta, pensa-se que nem sempre isso se confirma, pois certas alcunhas originam-se, por exemplo, de situações constrangedoras e que forçosamente acabam sendo aceitas pelo alcunhado. Ainda, para a autora, os apodos são espécies de “bilhete de identidade” que tem no povo a atuação de “artistas da caricatura verbal”.

Ramos (1990), em estudo antroponímico do Alentejo, salienta que as designações fictícias são mais propensas e produtivas nas aldeias, “espaço privilegiado do alcunho” (RAMOS, 1990, p. 36), pois “encontram no meio rural o terreno ideal para se proliferar” (RAMOS, 1990, p. 24). Assim, pequenas comunidades, vilarejos ou cidades menos populosas, são espaços de maior proximidade entre as pessoas, diferentemente das metrópoles, em que o ritmo acelerado do cotidiano diminui as relações de vizinhança e, conseqüentemente, há menos relações pessoais, menos alcunhamento.

Leite de Vasconcelos, em sua obra *Antroponímia Portuguesa* (1928, p. 176-178), ressalta que muitos nomes podem originar-se de alcunhas, revelando o “espírito do vulgo” e as divide em três espécies principais: as de origem geográficas, étnicas e pessoais. Assim, o autor apresenta a seguinte divisão: as alcunhas alusivas ao homem (idade, fases da vida...), estados sociais, cargos, profissões, qualidades físicas e morais, alcunhas relacionadas a hábitos, vestuários, a ideias mágicas e religiosas, bem como geográficas. Nesse contexto, o autor cita uma série de nomes na cultura portuguesa, oriundos de alcunhas, tais como as de indicação de parentesco, como Sobrinho, Neto, Filho, Furtado (“filho a furto”, “filho ilegítimo”), entre outras. Isso mostra que a designação antroponímica tem forte relação com os contextos histórico-culturais da sociedade.

Semelhantemente a Leite de Vasconcelos (1928), Ramos (1990, p. 57) define uma divisão taxonômica das alcunhas e as classifica em quatro macroclasses: Físicas (Perna de Pau, Careca, Gordo...), Comportamentais (Comunista de Inverno, Mija-mansinho...), Referências Geográficas (Alemão, Galego, Aldiano...) e Profissionais (Sapateiro, Xico do Pincel, Sacristão...). Nesse exercício, agrega, ainda, as Astronômicas, Gastronômicas, Malcriadas, Ornitológicas, Políticas, Vinícolas e

Zoomórficas (RAMOS, 1990, p. 61-72). Essas divisões por espécies e de caráter taxonômico ajudam a compreender a origem das alcunhas, assim como seus aspectos linguístico e sociocultural.

Na mesma esteira, os nomes étnico-geográficos são pistas para se compreender a origem dos indivíduos e, conseqüentemente, a história de um povo. Em Nunes e Kremer (1999, p. 45) encontramos um exemplo de uso da alcunha *galego*, para referir-se primariamente a este como designativo de origem étnico-geográfico e que, secundariamente, obteve usos com extensão de significados, tal como o de um “homem muito trabalhador” (aspectos mais específicos sobre esta alcunha encontram-se mais adiante). Os autores citam também alcunhas como *polaco*, *japones*, *alemão* e outras para conotar pessoas que condizem com características fenotípicas correspondentes à origem geográfica ou seus descendentes.

Desse modo, neste trabalho, descrevemos a motivação semântica da alcunha *galego* utilizada no Brasil, para designação mais comum de “pessoa branca e loira”, relacionando-a ao aspecto histórico-geográfico da origem dos *galegos* e portugueses, ligada às características fisionômicas/fenotípicas (os *galegos* são loiros) e também metafóricas (fatores extralinguísticos contextuais, no Brasil, favoreceram o uso e a disseminação).

3 *Galego* na literatura, nos registros geolinguísticos e lexicográficos

Galego, do latim *gallaecus* (CARDOSO, 1510-1569) / *gallaecu* (PENA *et al.*, 2005, p. 625), vem do corônimo *Callaecia/ Gallaecia*, este que denominava o território onde habitavam os *callaeci/ gallaeci* (CAÑADA, ca. 2003, p. 136).

Na Península Ibérica e na América Latina, *galego* é palavra utilizada para diversas denominações. Percorremos a lexicografia peninsular e latino-americana para situarmos sobre os diferentes empregos dessa lexia, que por vezes atributos neutros, por vezes de cargas negativa e depreciativa.⁴

⁴ Sobre o caráter depreciativo de *galego* na Literatura ver o estudo de Taboada (1955). Entre os aspectos salientados, o autor relaciona a emigração galega em massa para explicar a difamação desse povo nos territórios vizinhos e no além mar. Além disso, a desinformação e ignorância dos acusadores, e a forte presença dos judeus em certas regiões fronteiriças da Galiza.

3.1 Na lexicografia portuguesa

Segundo Leite de Vasconcelos, em Portugal, desde o século XIII, havia vários documentos de portugueses com o nome de família *Gallecus* ou *Galego*, “às vezes até especificado como alcunha” (LEITE DE VASCONCELOS, 1958, p. 30). Para o autor,

Hoje não é raro encontrar cá a alcunha de Galego, dada a indivíduos dessa estirpe: Fulano Galego, Cicrano Galego, filhos de Galegos (casos que conheço); do mesmo modo conheço numa das nossas cidades um comerciante com o apelido de Galiza. Daqui se mostra a existência constante de Galegos em Portugal, e quase não seria necessário mencionar mais testemunhos dela, por exemplo: Galegos na Inquisição de Lisboa, no séc. XVI; um Galego cortador, no séc. XVII. Os galegos, a par com outras profissões, como a de negociante, padeiro, etc., exercem muito as de aguadeiro⁵ e serviçal, nas cidades de Lisboa, Porto e outras. (...) Esta abundância de gentes da Galiza, que em Portugal traficam, mourejam, se casam e procriam, deu motivo a que o nome de <<Galego>> apareça a cada passo na toponímia (LEITE DE VASCONCELOS, 1958, p. 30-31).

Em Portugal, como em muitos lugares do Brasil, alguns frutos, legumes, cereais e produtos manufaturados são e foram conhecidos por sua suposta relação ou origem galega. Eis os casos do *limão-galego* (SARAMAGO *et al.*,⁶ 2012, carta 517), da *couve-galega*⁷ (SARAMAGO *et al.*, 2012, carta 539), do *feijão galego* (ACL⁸ – CASTELEIRO, 2001, p. 1855), da *ginja galega* (BLUTEAU, 1712-1728), da *azeitona galega* (nas Beiras – BARROS, 2010, p. 212), da *linhaça galega* (BLUTEAU, 1712-1728), do *marmelo galego* (BLUTEAU, 1712-1728), de um tipo de trigo arruivado, o *trigo galego*⁹ (EÇÃ, 1944-1945, p. 53), da *macela*

⁵ Profissão dos carregadores de água, no tempo em que não havia distribuição encanada nas grandes cidades. Ofício que exigia muito esforço físico, pois se levava os barris nas costas independente quão distante era a residência do cliente.

⁶ *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (2012).

⁷ Também dita na Galícia, assim como a *azeitona galega* (ESTRAVÍS, 1986, p. 1345).

⁸ Esta abreviatura, de nossa autoria, é referente ao *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (CASTELEIRO, 2001).

⁹ Conhecido por *galego-barbado* (*Triticumvulgare Host.*), tipo de trigo mole “da variedade *ferrugineum*, de espiga barbada, glabra, arruivada, fusiforme: grão escuro,

galega (PEREIRA, 1697), do *linho galego* (BLUTEAU, 1712-1728), do *cacete galego*¹⁰ e das variedades de uva *galego-de-Montemor*¹¹ e *galego-dourado*¹² (EÇÃ, 1944-1945, p. 53). Ainda, em Trás-os-Montes e Alto Douro, *galega* é uma parte do cacho de uva¹³ (BARROS, 2006, p. 191).

Em Portugal, *galego* é alcunha frequentemente usada pelos alentejanos para se referir – de maneira generalizada – aos portugueses do norte, em particular aos vizinhos da Beira (CASTELEIRO, 2001, p. 1855; BARROS; GUERREIRO, 2005, p. 98; SIMÕES, 1984, p. 216). Simões (2016, p. 106) também registra a forma com a mesma acepção em Marvão (leste alentejano). Ramos e Silva (2003, p. 278) registraram essa acepção para a nomeada popular *galego* em 20 localidades do Alentejo.¹⁴ Leite de Vasconcelos (1958, p. 32) salienta que no sul de Portugal “dão ironicamente, e há muito, o apodo de *Galego* aos habitantes do território que se estende de Leiria para cima” (itálico nosso). No texto *Gallegos e Ingleses* publicado na *Revista Lusitana*, o mesmo linguista relata que “no Sul do reino chama-se *gallegos* em ar de zombaria aos habitantes do

elíptico, pequeno ou mediano (...). É usada em vários locais da Beira, Estremadura, Ribatejo, Alentejo e Algarve, produzindo boa farinha para pão” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53). Também há o trigo mole *galego-rapado* (*Triticumvulgare Host*) da variedade *milturum* “de espiga mútica, glabra, arruivada, fusiforme; de grão escuro (...). É também conhecido pelos nomes de *mocho-ruivo* e *pelão*, (...) na Beira meridional e Alentejo, e nos conc. de Moncorvo, Vouzela, Miranda-do-Corvo, Tomar e Alenquer.” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53).

¹⁰ Espécie de pão longo e estreito vendido nos supermercados de Lisboa e, de maneira geral, em Portugal. Na Espanha é conhecido por *barra gallega*.

¹¹ Variedade de videira europeia (*vitis vinífera Lin.*), “de bagos miúdos, arredondados, alourados e lenticulados; (...). É uma casta branca que parece estar pouco espalhada” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53).

¹² Variedade de videira europeia (*vitis vinífera Lin.*), “de bagos medianos, ovado-arredondados, dourados; (...). É a casta branca que constitui a base do vinho generoso de Carcavelos” (EÇÃ, 1944-1945, p. 53).

¹³ Na localidade de Pinelo-Vimioso.

¹⁴ Conforme os autores, o apelido popular *galego(a)* é “designação atribuída a homens e mulheres que são naturais do Norte” (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278). Em Montemor-o-Novo um sujeito era assim denominado, pois seu pai era oriundo do Minho (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278). Em Odemira havia um *galeco* (corruptela de *galego*), pois o mesmo era nascido no norte. Um outro, conhecido por *galego maluco*, na localidade de Redondo, era natural do norte e fazia grandes loucuras (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278).

Norte do Mondego” (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 72, itálico nosso).

Sobre esse hábito dos portugueses do sul chamarem os do norte de *galegos* escreveu o Padre Monte Carmello em 1767, “sem fundamento chamam galegos aos povos Transdurienses e Transmontanos” (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 72).

Outras formas documentadas no Alentejo por Ramos e Silva (2003, p. 278) são *galhegas* e *galhecas* (na localidade de Ajustrel), ambas motivadas pela dificuldade do sujeito em se expressar. Em Évora havia um outro denominado *galego* por causa de sua gagueira excessiva (RAMOS; SILVA, 2003, p. 278).

Na Lusitânia, é costume ainda dizer *galega* para uma terra boa para semear – nas Beiras – (BARROS, 2010, p. 212), e *galego* para uma mesa servida sem pão (na região das Beiras), o vento vindo do norte,¹⁵ também como atributo depreciativo de característica rude e grosseira (CASTELEIRO, 2001, p. 1855; SIMÕES, 1984, p. 216). Seguramente, essa derradeira acepção tem a ver com a migração dos *galegos* (da Galícia – Espanha) para Portugal e seu baixo *status* social e condição de forasteiro entre os portugueses.¹⁶ Por sua vez, o assentamento dos *galegos* em Portugal produziu reflexos na antroponímia e toponímia portuguesa.¹⁷

É nesse contexto histórico de diáspora que se usa *galego*, para o moço dos fretes, o carregador, “pessoa que trabalha muito, que executa trabalhos pesados; escravo do trabalho” (CASTELEIRO, 2001, p. 1855). Essa carga social e histórica na figura do *galego* é, portanto, base para a

¹⁵ Em Marvão (Alto Alentejo) *galego* é “tipo de vento que sopra do lado de Marvão para Valência de Alcântara e que, por ser fresco, no verão ajuda a criar o milho” (SIMÕES, 2016, p.106).

¹⁶ Essas acepções revelam usos da língua que, muitas vezes, têm suas origens em embates e lutas territoriais. Por isso “essa depreciação das localidades e habitantes provém d’uma causa geral, pois, assim como cada indivíduo gosta de sobressair aos mais, assim cada povo” (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 70).

¹⁷ Beirante (1992, p.103), em seu artigo *Onomástica galega em duas cidades do Sul de Portugal* sobre a figura do *galego* na toponímia portuguesa, cita alguns casos que observou nas cidades de Évora e Santarém - Alentejo. Como, por exemplo, os topônimos: *Vale dos Galegos*, *Póvoa dos Galegos* e *Beco dos Galegos*. Leite de Vasconcelos (1958, p. 31) cita os seguintes designativos de lugares: *Vilarinho de Galegos* (Trás-os-Montes), *Ribeira de Galegos* (Beira Alta), *Quintinha dos Galegos* (Beira Baixa), *Aldeia Galega da Merceana* (Ribatejo).

forma *galeguice*, insulto que elucida uma “atitude, comportamento que manifesta grosseria, indelicadeza, ausência de maneiras” (CASTELEIRO, 2001, p. 1855). Sobre o suposto aspecto sórdido dos *galegos*, cabe citar o que escreveu Camões em *Os Lusíadas*, “tampoco os detuvo, el temor, oh sórdidos gallegos, duro bando” (TABOADA, 1955, p. 114).

Alguns exemplos da fraseologia portuguesa também expressam esse despreço aos vizinhos do norte: “cinquenta *galegos* não fazem um homem”; “duzentos *galegos* não fazem um homem, senão quando comem”; “guarda-te de cão preso e de moço *galego*”; “quem faz festas a *galego*, mais *galego* é” (COSTA, 1999, p. 232). Em Trás-os-Montes, localidade de Moimenta-Vinhais, *galego* é o mesmo que *belouro*: “matéria fecal humana expelida de uma só vez” (BARROS, 2006, p. 64). Na Terra de Miranda, concelho de Miranda do Douro, a *galhega* (em port. *galega*) é nome para uma “boneca feita de trapos garridos, içada no topo de uma árvore alta do povoado, para servir de anúncio da Festa dos Pauliteiros” (PIRES, 2004, p. 283). Em Miranda do Douro se diz ‘*parece que pariu la galhega*’ quando se vê formado “um aglomerado considerável de crianças ou jovens” (PIRES, 2004, p. 283). João de Eça (1944-1945, p. 53) também a registra na Prov. do Alto-Douro, “diz-se que parece *ter parido a galega*, em qualquer sítio, quando nesse local se encontram muitas pessoas”.

3.2 Nas lexicografias espanhola e hispano-americana

No domínio de língua espanhola encontram-se diversos usos. Na região de Castilha – Espanha, se chama *gallego* o vento que vem do noroeste (CASARES, 1942, p. 522). Em Aragão (Espanha), *gallego* é qualificativo para “falso, covarde, que tiene poco valor” (ASSO, 2002, p. 183). Em vários lugares da América Latina, em particular na Argentina, Uruguai e Cuba, *gallego* é alcunha coletiva para os espanhóis (MORÍNIGO, 1993, p. 276-277; PLAGER, 2008, p. 851-852; CRUZ, 1888-1980, p. 274; HAENSCH; WERNER, 2000, p. 271) ou também para seus descendentes (AAL,¹⁸ 2008, p. 355-356; CHUCHUY; BOUZO, 1993, p. 289). No México, *galego* é alguém originário da Galiza (Espanha) e tudo que se relaciona a ela: “gaita *gallega*, la marina *gallega*, mariscos *gallegos*, campesinos *gallegos*” (LARA, 2010, p. 835).

¹⁸ Academia Argentina de Letras – *Diccionario del habla de los argentinos* (2008).

Na Argentina, ser *gallego* é “exagerar las proporciones de lo que narra” (CHUCHUY; BOUZO, 1993, p. 289), em El Salvador é alguém que sofre de gagueira (ROMERO, 2005, p. 184), e, no Uruguai, é uma pessoa que “tiene dificultades para entender o asimilar conocimientos” (MONES, 1993, p. 177). No Uruguai, ainda se usa a palavra *galleguito* para um lugar ambulante que vende comida rápida, em particular, os ‘chorizos al pan’ (MONES, 1993, p. 177). Na Argentina, também se diz *gallegada*, ora para um grupo de espanhóis, ora, de maneira ofensiva, para um dito ou feito próprio de uma pessoa pouco inteligente (PLAGER, 2008, p. 851). Outro aspecto moral elucidado na literatura é a covardia, também relacionada à figura dos *galegos* na fala popular, como lembra Taboada (1955, p. 115): “no faltará un gallego a quien echar la culpa”.

Na Costa Rica, a forma denomina um tipo de libélula (QUESADA PACHEDO, 1991, p. 117) e uma espécie de lagartixa (MORÍNIGO, 1993, p. 276) “que vive em las orillas de los ríos y nada com mucha rapidez” (CRUZ, 1888-1980, p. 274), essa última denominação também ocorre na Nicarágua (DLE-RAE¹⁹). Já em Cuba e Porto Rico, ela denomina uma ave aquática (CRUZ, 1888-1980, p.274; HAENSCH; WERNER, 2000, p.271), em Cuba um tipo de peixe²⁰ (NEVES, 1973, p.272), e no México é sinônima de preguiça e frouxidão (CRUZ, 1888-1980, p.274). Em Cuba se diz ainda ‘*gallego, -a*, por los pies’ para a pessoa que dança mal (HAENSCH; WERNER, 2000, p.271) e na Bolívia *gallega* é a pessoa que “limpia o gana todo a sus compañeros de juego” (REYES; REYES TABORGA, 1982, p. 211).

3.3 Na lexicografia luso-brasileira

Nos contextos de imigração portuguesa no Brasil, há registros do uso de *galego*, tanto para marcar os portugueses²¹ como um grupo à

¹⁹ *Diccionario de la lengua española* – Real Academia Española (versão on-line).

²⁰ “Pez del género *Caranx*. Llámese también *jurel* o *jurelete*” (NEVES, 1973, p.272, itálico nosso).

²¹ Além de *galego*, se registra na literatura o uso das alcunhas *emboaba* e *labrego* para o imigrante/colono português no Brasil colonial. Entre as formas depreciativas para os portugueses se registram: abacaxi, bicudo, boaba ou boava, emboada ou emboava, candango, caneludo, chumbinho, cotruco, cupé, cutruca, jaleco, japona, labrego, marabuto, marinheiro, maroto, marreta, mascate, matruco, mondrongo, novato, parrudo, pé-de-chumbo, portuga, puça, sapatão, talaveira (HOLANDA FERREIRA, 1986, p. 829).

parte dos brasileiros,²² quanto para marcar diferenças regionais (norte *versus* sul de Portugal) entre os portugueses no contexto de diáspora (CÂMARA, 2012; FERRAZ, 2014).

Os registros encontrados nos dicionários regionais brasileiros e atlas linguísticos consultados apresentam as seguintes acepções:

01. *Pessoa com cabelos loiros ou ruivos:*

“indivíduo louro ou ruivo. (uso geral)”, *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (CLEROT, 1959, p. 53).

“qualquer pessoa loira, principalmente estrangeiros”. *Dicionário da Ilha: falar e falares da Ilha de Santa Catarina* (GUIMARÃES DA SILVA, 1994, p. 62).

“mulher e ou homem loiro, de origem portuguesa. Equivale à polaquinha do Paraná e à italiana do Espírito Santo”. *Dicionário sociolinguístico paranaense* (FILIPAK, 2002, p. 188).

02. *Pessoa com cabelos ou cor de pele avermelhados (Atlas Linguístico de Sergipe – ALS – FERREIRA et al., 1987, carta 86).*

Comentários: “É desses bem vermelhado, a cor de lavareda de fogo” (ponto 58); “vermelho de cabelo branco” (ponto 60).

03. *Indivíduo estrangeiro:*

Segundo Borba (2002, p. 755), o apodo é para estrangeiro, entre as nacionalidades “em particular a portuguesa”. Em Goiás é denominação para qualquer estrangeiro (ORTÊNCIO, 1983, p. 200). No *Dicionário de termos populares registrados no Ceará*, *galego* é o “indivíduo de nacionalidade estrangeira, não só português, mas o sírio, o judeu, etc.” (SERAINÉ, 1958, p. 121). O mesmo diz Cabral (1972, p. 432), “denominação dada, no sul do Ceará, não só ao português como a qualquer estrangeiro”. No *Dicionário gaúcho* de Oliveira (2003, p. 136), o termo *galegada* é denominação para a colônia portuguesa.

²² Neste caso, a alcunha era usada num contexto de antilusitanismo: “*galego*, pé de chumbo, /calcanhar de frigideira / Quem te deu a liberdade / De casar com brasileira?” (FERRAZ, 2014, p. 31).

04. Expressão para fato extraordinário:
 “uso pop. Cor., depreciativo. ‘Aqui não morreu *galego*’ – aqui não ocorreu fato extraordinário”. *Dicionário de termos populares registrados no Ceará* (SERAINÉ, 1958, p. 122). O mesmo afirma Antenor Nascentes (1966). Cabral registra ‘morreu *galego*?’ como “pergunta feita por pessoa aborrecida ante aglomeração de curiosos” (CABRAL, 1972, p. 432).
 Sobre o uso dessa expressão popular “morreu o *galego*” Câmara Cascudo (1971, p. 113), em seu capítulo *Presença galega no folclore brasileiro*, relata seu uso no sertão do Rio Grande do Norte para dias fora do período invernal de céu nublado, sem chuva e sem sol. A expressão se assemelha ao contexto da “*parece que pariu a galhega*”, essa registrada em Miranda do Douro, Portugal (PIRES, 2004, p. 283).
05. *Qualificador de nome abstrato*: crasso, profundo (BORBA, 2002, p. 775).
06. *Moça atraente*: galega bonita (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011, p. 933, ALERS, QSL637, ponto 144 – Araruna, PR).
07. *Alcunha para os legalistas*:
 ‘*galego*’ era apodo para os legalistas, que eram os opositores aos farrapos durante a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul em 1835. “O mesmo que absolutista, camelo, caramuru, restaurador corcunda” (NUNES; NUNES, 1993, p. 202). A mesma acepção se encontra em Oliveira (2003, p. 137)

No estudo de Tavares de Barros, Löff Machado e Philippsen (2017), os autores analisam o uso do referido apodo em nomes de candidatos políticos das eleições municipais brasileiras de 2016. O *corpus* reúne dados do Tribunal Superior Eleitoral brasileiro (TSE), de domínio público.²³

As formas *galego(a)* coletadas possuem diversas naturezas antroponímicas. Parte delas está relacionada à profissão ou com o meio

²³ Disponível em: <<http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>>. Acesso em: 15 out. 2017.

ou local de trabalho do denominado. É o caso de *galego mototáxi* (Itambé, BA), *galego da farmácia* (Serrinha, BA), *galego borracheiro* (Vitória da Conquista, BA), *galego do pão* (Penedo, AL), *galego da padaria* (São Paulo do Potengi, RN), *galego do leite* (Campina Grande, PB), *galega da verdura* (Porto Real do Colégio, AL), *galega manicure* (Bodocó, PE), *galega do cartório* (Bodocó, PE), *galega do posto* (Simões Filho, BA), *Gil*, *galega da xerox* (Arcoverde, PE), *Nilzete*, *a galega da feira* (Santo Amaro, BA), *galega do porco* (São Cristóvão, SE), *galego da patrôla* (Cariri do Tocantins, TO), *galego da ambulância* (Porto Ferreira, SP), *Teodolindo*, *galego do chup-chup*²⁴ (Timóteo, MG), *galego da relojoaria* (Januária, MG), *galego da auto ascola* (Santo Antônio do Descoberto, GO), *galego da melancia* (Aragoiânia, GO), *galego mecânico* (Coelho Neto, MA), *galego do peixe* (Sousa, PB), *galego da Lan House* (Água Branca, PB), *galego da castanha* (Serra Branca, PB), *galego da lanchonete* (Icó, CE), *Jotinha*, *galego da funerária* (Bom Jardim, PE), *Zé*, *galego da rodoviária* (Palmares, PE), *galego dos correios* (Jaboatão dos Guararapes, PE), *galego do mercado* (Aracaju, SE), *galego da bicicletaria* (Estância, SE), *galego da polpa* (Mutuípe, BA), *galego do cuscuz* (Feira de Santana, BA).

O parentesco e a associação aos membros mais importantes dos clãs familiares parece ser mais uma das motivações na constituição das formas antroponímicas. Essa tradição remete a algo típico de localidades pequenas, em que os mais velhos (pais, avós etc.), geralmente, possuem o papel de referentes. Salvo os cenários em que o esposo ou a esposa servem de referência na composição do apodo do(a) cônjuge.

Na taxonomia de Ramos e Silva (2003) esse tipo de apodo é categorizado como *alcunhas referenciais*, uma vez que elas “associam a identificação de um visado ao nome próprio ou alcunha de um familiar, ou o referenciam a um objeto, situação e acontecimento” (RAMOS; SILVA, 2003, p. 20).

Eis o caso, portanto, de *Meirinha do galego* (São Félix do Coribe, BA), *Fabricio de João de galego* (Jaborandi, BA), *galego Zé da Gina* (Jaguari, BA), *Eliene de galego* (Jitaúna, BA), *galego de Santino* (Rio do Antônio, BA), *Ailda de galego* (Andaraí, BA), *Guilherme de galego*

²⁴ *Chup-chup* denomina um tipo de iguaria congelada tanto à base de leite como de suco de frutas. Regionalmente conhecida no Brasil por *geladinho*, *gelinho*, *dindin*, *sacolê*, entre outras.

(Nossa Senhora de Lourdes, SE), *galego de Zequinha* (Gararu, SE), *galego de Zeca* (Tacaimbó, PE), *galego de Antônio de Roque* (Jataúba, PE), *galego de Zé Santana* (Nazaré da Mata, PE), *galego de Toinho* (Palmeirina, PE), *galego de Ivo* (Vitória de Santo Antão, PE), *galego de Manoel de Heleno* (Ibimirim, PE), *galego de Zé Rocha* (Chã Grande, PE), *galego de Mané Gildo* (Águas Belas, PE), *Neide de galego* (Tuparetama, PE), *Maria de galego* (Baraúna, RN), *galego de Zé Regis* (Serrinha, RN), *galego de Tiano* (São Tomé, RN), *galego de Venilza* (São Gonçalo do Oeste, RN), *Laercio de galego dos Motores* (João Câmara, RN), *galego de Seu Assis* (Extremoz, RN), *galego de Chiquinho* (Santo Antônio, RN), *galego de Justino* (Campo Grande, RN), *Luis de Zé galego* (Orós, CE), *galego de Gerso* (Itatuba, PB), *Neidinha de Zé galego* (Alagoinha, PB), *galego de Ademar* (Assunção, PB), *galego de Aristides* (Alcantil, PB), *galego de Lô* (Teixeira, PB), *Lô de galego* (Teixeira, PB), *Cí do galego da areia* (Mamanguape, PB), *Sandro de galego da Loto* (Lagoa de Dentro, PB), *galego de Lourdes* (Araçagi, PB), *galego do Miguelzinho* (Alto Alegre do Pindaré, MA), *galego do Edmar* (Itaipava do Grajaú, MA), *galego do Valdomiro* (Cachoeira Dourada, MG), *Marquinho de Zé galego* (Buenópolis, MG), *Zeinho do galego* (Pedregulho, SP), *Fabiana do galego* (Quatis, RJ), *Ailton do galego* (Ivatuba, PR), *galego de Lorim*²⁵ (Cariri do Tocantins, TO), *Valmor do galego* (Rio Crespo, RO), *galega de Nilza* (Ribeira do Pombal, BA), *Léo de galega* (Abaré, BA), *galega de Ismar* (Luís Gomes, RN), *galega de Ulissinho* (Parellhas, RN), *galega de João da Água* (Patos, PB), *José Carlos da galega* (São Vicente, SP), *Tuita de galegão* (Nova Floresta, PB), *Mara de galeguinho* (Central, BA), *Alex Filho de galeguinho* (Escada, PE), *galeguinho de André* (Paulistana, PI), *Francisco de galeguinho* (Lastro, PB), *galeguinho de Silvio Bezerra* (Currais Novos, RN).

Um caso em Itu – São Paulo chamou-nos a atenção, a forma *galego alemão* (Itu, SP). Uma interpretação possível seria a que o candidato é conhecido na localidade por meio dos dois apodos (antroponímia paralela), pois ambos são usados nesse contexto para denominar pessoas com traços fisionômicos de estrangeiro.

Os resultados desse referido *corpus* mostraram que a região nordeste é a que apresenta maior porcentagem de uso da alcunha, seguida

²⁵ É possível que *Lorim* seja variante de *lourinho*, alternância de morfema que se documenta em várias áreas do português falado no Brasil.

das regiões sudeste e sul.²⁶ Salientamos que a Paraíba se destaca por haver a frequência absoluta da variante. Salvo o Estado de Goiás, apareceram apenas alguns casos esparsos no centro-oeste e norte brasileiros.

Os mapas 1 e 2, além de disporem a área de ocorrência dessa lexia e o caráter heterogêneo das nomeadas,²⁷ salientam o principal ponto de interesse da Dialetoлогия e áreas afins: o de visualizar diversos fenômenos da variação da língua. Esse é o caso do uso ou da ausência do artigo definido diante de nome próprio, em construções que estabelecem relação de pertencimento familiar, como nos casos de alcunhas compostas *Maria de galego* (Maria, a esposa do galego) ou *galeguinho de João* (galeguinho, o filho do João). Nesse tipo de sintagma nominal ora a preposição *de* é flexionada (da / do), ora não (de).

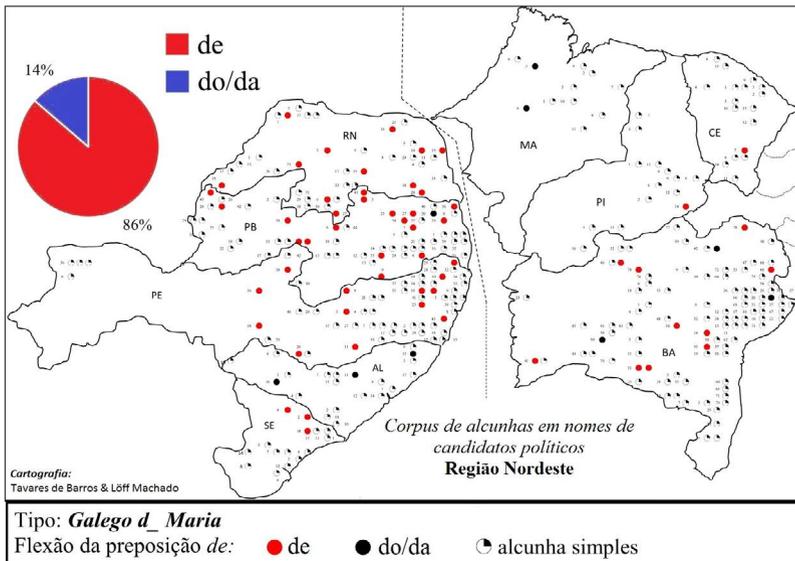
Ambos os mapas mostram, na região nordeste assim como no restante do Brasil, a ocorrência da flexão (da/do) com o símbolo hachurado de vermelho, como também sua ausência (de) com o símbolo hachurado de preto. O tipo apresentado, *galego d_ Maria*, é apenas um exemplo de alcunha composta, que pode variar em gênero. Nesse tipo²⁸ *galego d_* está a abstração de uma gama de formas, da qual pertencem as variantes *galega d_* ou *___ d_ galega*, *galego d_* ou *___ d_ galego*, *galegão d_* ou *___ d_ galegão* e *galeguinho d_* ou *___ d_ galeguinho*. Os casos de alcunhas simples (*galega*, *galego*, *galegão* ou *galeguinho*) foram cartografados com o círculo de um quarto preenchido.

²⁶ Esse dado encontra subsídios em estudos como o do IBGE (2008 *apud* PETRUCCELLI, 2013) sobre a autotaxonomia da população brasileira segundo o próprio fenotípico. Daqueles que se consideram ‘brancos’, 2,7% se classificaram espontaneamente como *galego* nos dados referentes à Paraíba (cf. PETRUCCELLI, 2013, p. 41).

²⁷ “Recolher e analisar as nomeadas de uma tão vasta região geográfica é, justamente, um projecto ambicioso; de facto, pretender cobrir uma ‘área cultural’, supostamente uniforme, tem como resultado uma profunda heterogeneidade, profundamente rica de diversas tonalidades diferenciadoras locais”. (RAMOS; SILVA, 2003, p. 5).

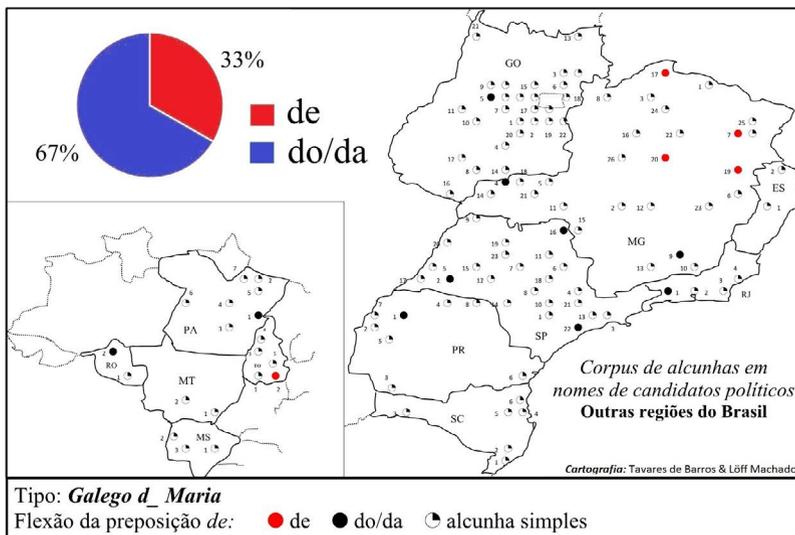
²⁸ Nesse estudo entende-se *tipo* como referência à forma guarda-chuva para as variantes da alcunha *galego* (*galega*, *galego*, *galeguinho* e *galegão*).

MAPA 1 – Flexão da preposição *de* em alcunhas compostas



Fonte: Elaborado pelos autores. Base cartográfica: IBGE (2010).

MAPA 2 – Flexão da preposição *de* em alcunhas compostas



Fonte: Elaborado pelos autores. Base cartográfica: IBGE (2010).

4 O ALERS: aspectos históricos e metodológicos

O *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul (ALERS)*, o primeiro no Brasil a englobar três estados federativos brasileiros, teve por base metodológica os princípios da Dialectologia tradicional, que detém sua atenção à variação diatópica, geralmente, entrevistando 1 informante por ponto, de preferência homens, com pouca escolaridade, nascidos na localidade e de origem rural.

O método empregado no ALERS é diferente da vertente mais moderna da Dialectologia, a pluridimensional e relacional. Essa que amplia sua zona de interesse por meio da inclusão de outras dimensões. Referimo-nos à diastrática, registrando a fala de jovens e velhos; à diassexual, de homens e mulheres; à diatópico-cinética, entrevistando informantes estáveis e móveis; à diarreferencial, por meio do tratamento e controle do *status* das formas linguísticas através da recolha de comentários metalinguísticos; entre outras dimensões e seus parâmetros.

Apesar do homem ser o informante principal do ALERS, não poucas vezes, no momento da entrevista, a mulher (a filha, a esposa, a mãe ou a avó) é convidada a opinar e expressar seu conhecimento. Contudo, essa diferença no repertório linguístico entre homens e mulheres não foi um critério metodológico (ou seja, dimensão de análise) contemplado pelo atlas.

As entrevistas do ALERS em Santa Catarina se deram entre os anos de 1989 e 1991. Os principais inquiridores desse Estado foram o Prof. Osvaldo Antônio Furlan e a Profa. Hilda Gomes Vieira. A rede de pontos catarinense é composta por 80 localidades, totalizando 80 entrevistas, uma em cada ponto. A pergunta 19 – ‘De pessoa que tem cabelos loiros e tez clara, dizemos que é?’ – do *Questionário semântico-lexical específico (3.3.3) de Santa Catarina* aplicado no ALERS (2011b, p. 53) pertence a um conjunto de dados inéditos que ficaram de fora do volume 2, *ALERS – Cartas Semântico-Lexicais*, publicado em 2011 (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011).

5 Breves considerações sobre a influência dos povoadores no falar catarinense

Para compreendermos os usos da alcunha nas regiões apontadas pelos dados do ALERS, faz-se necessária uma breve incursão sobre alguns aspectos relacionados ao falar dessas regiões e de suas possíveis

influências: na parte litorânea, de forte presença açoriana, alcançando as regiões de povoamentos étnicos alemão, italiano e eslavo e na parte serrana com influência luso-brasileira, de herança tropeira gaúcha e paulista.

Furlan (1995, p.165), em estudos sobre o falar açoriano-catarinense, destaca que, dos séculos XVII a XIX, levas de açorianos dispersaram-se em vários pontos do Brasil. Com o estímulo da Coroa Portuguesa, em 1748/1756 chegaram muitos imigrantes para o país, sendo que 6.071 de insulares vieram para o litoral de Santa Catarina. Essa região teve então uma elevação na população, pois era composta de 4.197 habitantes oriundos, desde meados do século XVII, de São Vicente (São Paulo). Segue um mapa que ilustra essa ocupação:

MAPA 3 – O falar açoriano-catarinense



Fonte: Furlan (1998a, p. 24).

Alguns linguistas se dedicaram a compreender a influência dos Açores no português de algumas regiões do Brasil, sobretudo o de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No entanto, para Furlan (1995, p. 165), nenhum dos autores que cita têm se preocupado em definir com maiores critérios o que se entende por “influência açoriana”. Nas pesquisas que empreendeu, tem levado em conta critérios mais elaborados que vão desde a pesquisa de campo até a consideração e comparação entre dados açorianos e portugueses, em perspectivas diacrônica, diatópica e diastrática.

O autor defende a hipótese do falar açoriano-catarinense atual ser um encadeamento de vários fatores, dos quais citam-se: (i) o caldeamento de vários grupos étnicos advindos no século XVII, de São Vicente, de açorianos e madeirenses no século XVIII, e outros grupos menores advindos de Portugal continental, bem como de outras áreas brasileiras; (ii) a evolução natural desse caldeamento deu origem a uma *coiné*, nesse ponto, o isolamento contribuiu para a sua manutenção (grupos etnolinguísticos formados principalmente por paulistas, açorianos e outros); (iii) a influência de outros falares brasileiros até 1970, por via marítima ou portuária com outras regiões.

Furlan (1995, p.168) aponta também para um aspecto anterior à chegada dos açorianos no Brasil, ou seja, à própria composição do território das ilhas dos Açores. Segundo o autor, o povoamento dos Açores teve presença de Portugal continental, sobretudo do Algarve e Alentejo. Destaca, ainda, a presença dos flamengos, no grupo central (Terceira, São Jorge, Pico, Faial), sendo que 90 % dos que imigraram para Santa Catarina²⁹ são desse ponto e cujo padrão é semelhante ao falar continental de hoje.

Nos aspectos linguísticos analisados, o autor chega à conclusão de que algumas características que outrora poderiam ser atribuídas como específicas do falar açoriano-catarinense, na verdade, também são encontradas em outras variedades do português brasileiro, bem distantes desse ponto. Destaca-se o reforço de falares portugueses, como a predominância do tuteamento (tu familiar), com verbo na segunda pessoa do singular, em decorrência do conservadorismo que ascende à Portugal continental.

²⁹ A fixação em Santa Catarina se deu no litoral, na faixa que compreende Laguna ao rio Camboriú, vindos dos seguintes pontos: São Miguel, Terceira, Faial, Graciosa, Pico, São Jorge e Madeira.

Outros aspectos fônicos são ressaltados, pelo autor, como coincidentes em outras áreas do Brasil e em alguns não há segurança quanto a sua determinação, tal como a palatalização do /s/ em coda silábica (falar dos Açores de 1748) e que pode ter a mesma origem de outros falares, como os do Rio de Janeiro, Lisboa etc.

No nível lexical, as possibilidades de influência açoriana são mais produtivas, no entanto, “ascende, salvo exceções, a Portugal continental e que a influência açoriana em SC se efetuou no sentido de revigorar o léxico que dele herdou”³⁰ (FURLAN, 1998b, p. 35). Desse modo, fica claro que a influência portuguesa é preponderante em todo o Brasil e que o grupo açoriano é uma soma que se presentifica nessa faixa catarinense.

Altenhofen (2002, p. 122), ao tratar de um conjunto de hipóteses sobre a delimitação de áreas linguísticas, que retratam a variação diatópica do português falado na região sul do Brasil, aponta também para a atividade tropeira. Esta possibilitava o “contato entre paulistas e gaúchos em dois fluxos migratórios opostos e o papel das rotas dos tropeiros paulistas, no comércio do gado,” era um possível influenciador em algumas regiões do sul do Brasil. Além desta, apontam-se outros determinantes elencados por Koch (2000, p. 59):

- a presença de açorianos, chamados para áreas específicas, como o leste de Santa Catarina;
- a existência de fronteiras políticas (historicamente oscilantes) com países de fala hispânica, no extremo sul, e o contato português-espanhol derivado dessa situação;
- a existência de áreas bilingues significativas, originadas do assentamento, nas (antigas) zonas de floresta, de imigrantes não-lusos a partir do século XIX.

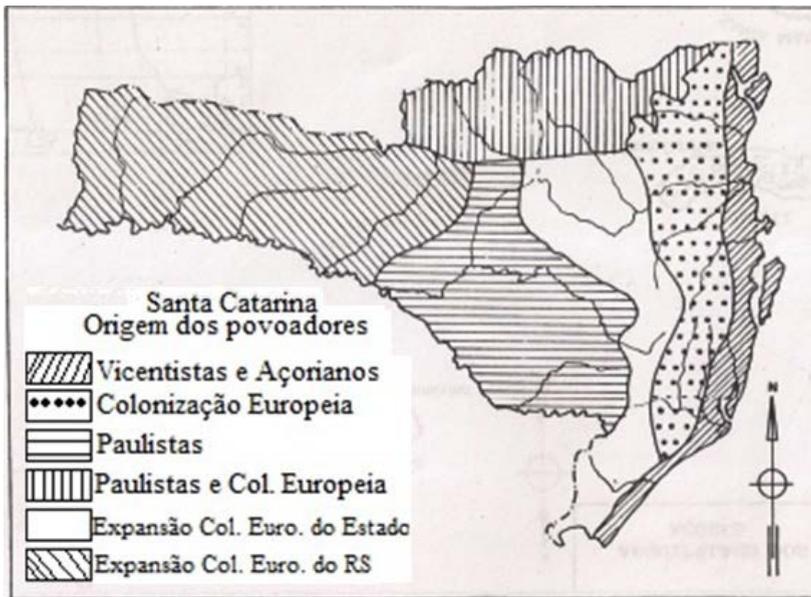
Altenhofen (2002, p. 122) acresce a esses fatores a relevância das migrações internas nas áreas ditas mais novas, a partir do século XIX (consideração topodinâmica da variação e mudança). No entanto, considera-se aqui o papel das rotas tropeiras que atravessaram também

³⁰ O autor apresenta a análise de três lexias a partir de dados do ALERS não ascendentes a Portugal continental: *chimarrita* (*dança de roda*), *gueixa* (*potranca*) e *bernúncia* (*bicho-papão*), como exemplos provenientes do léxico açoriano e que tomaram aqui no Brasil, inclusive, outras acepções.

o Estado de Santa Catarina a partir do contato paulista-gaúcho antes da chegada dos primeiros imigrantes alemães (1824) e italianos (1875) no Rio Grande do Sul.

Esse contato originou rotas comerciais que seguiam um trajeto fundado pelos lusos nos antigos povoamentos no processo de condução do gado e de mercadorias, e outro por campos, florestas e contorno de rios.³¹ Ao analisar fotografias geolinguísticas de dados do ALERS, Altenhofen (2002, p. 129) verifica a hipótese de que algumas isoglossas do português rural do Rio Grande do Sul seguiram em parte essas rotas mais antigas. Assim, um dos caminhos que chegam até os campos de Lages, em Santa Catarina, é resultado de uma bifurcação que tem sua origem em Rio Grande e Pelotas.

MAPA 4 – Origem dos povoadores de Santa Catarina



Fonte: Furlan (1998b, p. 50).

³¹ Dal Corno (2010) descreve que a atividade dos tropeiros “pode englobar tanto o tanger do gado das planícies litorâneas para engorda nas pastagens do planalto, quanto o transporte de gado, cavalos e mulas do Rio Grande do Sul à feira de Sorocaba, em São Paulo, através de diferentes rotas ao longo dos anos” (p. 2).

Para representar a arealidade dessa condição diatópica, no nível lexical, Altenhofen (2002, p. 130) cita o uso do germanismo lusitanizado *chimia* (do ale. dialetal *Schmier*) para designar “a pasta de frutas para passar no pão”. Para o autor (ALTENHOFEN, 2002), *chimia* é a variante predominante no Rio Grande do Sul, e a sua concorrente, o lusismo *geleia*, se encontra nas rotas de tropeiros de assentamento luso-brasileiro.

Cabe salientar que outros grupos compõem o falar catarinense e permeiam essas duas áreas citadas anteriormente, para as quais o uso da forma *galego* foi difundida, cita-se a presença dos povoadores alemães, italianos e eslavos como grupos majoritários. Os alemães se estabeleceram no Estado primeiramente na Colônia de São Pedro de Alcântara (1829), posteriormente vieram os italianos (1836), na colônia Nova Itália, e mais tardiamente os eslavos, em particular os poloneses (1869) que se estabeleceram na colônia Príncipe Dom Pedro. Consequentemente, para estes grupos étnicos, outras fases de povoamento e formação de colônias se deram ao longo dos anos e novos espaços geográficos tomaram os imigrantes para compor o cenário territorial catarinense.

6 Galego e sua realização em Santa Catarina

Com o auxílio da plataforma digital *Google Maps*, não foi difícil encontrar exemplos do uso do apelido popular *galego* e suas variantes (*galega* e *galegão*) na paisagem linguística de Santa Catarina.

FIGURA 1 – *Galego* na paisagem linguística de Santa Catarina

1- Rua das Flores, Palhoça – SC; 2 – Rua Antônio de Oliveira, Joinville – SC; 3- Rua Francisco Vahldieck, Blumenau – SC; 4- Estr. Geral da Prainha, Imaruí – SC; 5 – Rua Santos Saraiva, Florianópolis – SC.

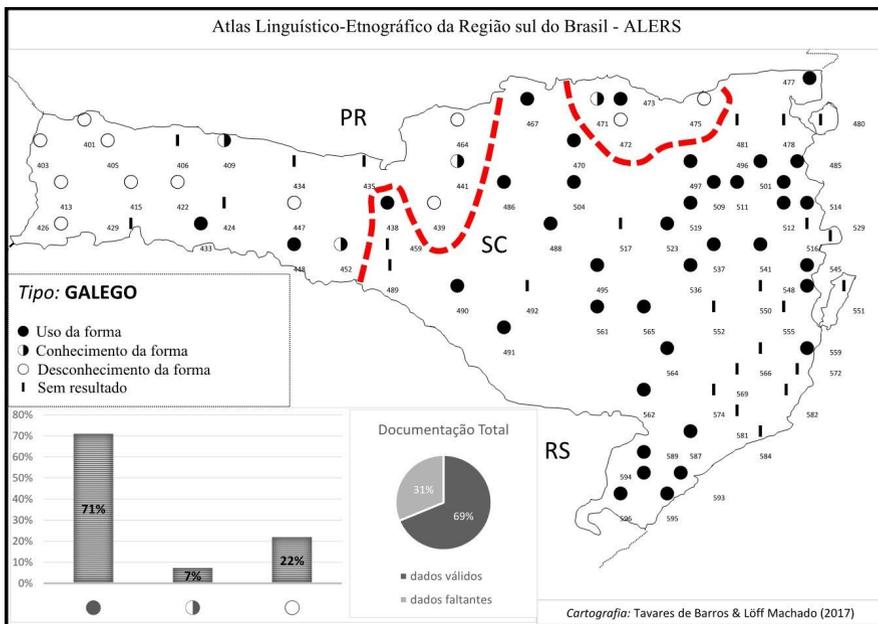
Fonte: Dados retirados da plataforma *Google Maps* (<<https://maps.google.br>>)

O emprego da alcunha com propósitos comerciais é, em parte, um recurso que o denominado pela população local utiliza para nomear seu estabelecimento e disso obter seu sucesso profissional. Sua presença numerosa na paisagem linguística elucidada, além disso, o seu caráter de uso corrente na fala popular local.

Em Santa Catarina, *galego* é conhecido desde a região litorânea, identificada por Furlan (1986), Altenhofen (2002) e Silva Neto (1958), pela faixa de influência açoriana, estendendo-se pelos vales de colonização italiana, alemã e eslava e chegando até a região de cima da serra, conhecida por sua ocupação luso-brasileira (paulista-bandeirante) e originada nas rotas do tropeirismo. No mapa 5, que apresenta esse uso diatópico de *galego*, a linha tracejada em vermelho representa uma isoglossa que demarca a separação de uma zona compacta de conhecimento ativo da forma (símbolo cheio) de uma zona que oscila

entre o conhecimento passivo (símbolo parcialmente preenchido) até o total desconhecimento da alcunha (símbolo vazio). Esse desconhecimento tem seu grau mais acentuado no extremo oeste catarinense, região de colonização sul-rio-grandense em que a maioria étnica é alemã, italiana e eslava.

MAPA 5 – Graus de *status* da lexia *galego* nos dados do ALERS de SC



Fonte: Elaborado por Tavares de Barros e Löff Machado, com observações técnicas³²

³² A documentação de *galego* é de 69% de dados válidos no total 100% (que equivale aos 80 pontos de inquérito). Observamos no mapa 05 uma área compacta de dados sem resultados. Trata-se dos pontos próximos ao litoral, entre eles a capital Florianópolis. Esta lacuna se produziu por falta da execução do quest. ALERS SC 3.3.3 nessas localidades.

Casos de dados duvidosos: O inquiridor não espera a resposta do informante e comenta que o informante não conhece a lexia (415, Maravilha). Não se escuta o informante afirmar conhecer a forma, apesar do inquiridor comentar que o entrevistado a conhece (433, Chapecó). O inquiridor não espera a resposta do informante, apesar de relatar que o entrevistado conhece a lexia (467, Canoinhas). O único dado existente é o relato do inquiridor feito após a entrevista. Nesse relato, afirma-se que o informante conhece a forma (501, Luís Alves). O inquiridor não espera a resposta do informante; contudo comenta que o entrevistado conhece a forma (514, Itajaí).

7 Os comentários metalinguísticos dos informantes

A dimensão diarreferencial é, entre outras funções, considerada pela Dialetoлогия contemporânea uma ferramenta para medir o *status* de uma forma, tanto em seu uso nos âmbitos diatópico e diastrático quanto dialingual, ou seja, nas variedades de uma mesma língua em contato, como o português de substrato açoriano/tropeiro *versus* o português de substrato alemão/italiano/polonês, ou de línguas diferentes, como o português e o alemão. Nesse último aspecto, os comentários metalinguísticos servem para observar a expansão do uso e do conhecimento da forma *galego* para além de regiões de maioria luso-brasileira.

Nas entrevistas do ALERS, a formulação geral partiu da abordagem semasiológica, ou seja, perguntava-se, na maioria dos casos, “*O que vocês entendem por galego?*” ou “*Ele é um galego, vai lá com o galego 'o que significa?*”. Pelo fato das questões envolverem um interesse etnográfico, aplicaram-nas em todo o Estado de Santa Catarina, mesmo em zonas de minoria luso-brasileira.

O inquérito do ALERS tende a ser similar ao modelo francês (tradicional) da Dialetoлогия, ou seja, sem retouque. Pouco se oportunizava ao informante tecer comentários sobre o elemento linguístico indagado, prejudicando, de certa forma, a produtividade da dimensão diarreferencial no *corpus*. Essa influência do método francês é lembrada na introdução do vol. 2 do ALERS – *Cartas Semântico-lexicais* (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011, p. 25).

A aplicação de um longo questionário e a inquietação dos informantes são, em parte, fatos que diminuem a predisposição a tecer longos comentários. Apesar dos entraves e do controle rigoroso dos entrevistadores, os informantes, por vezes, conseguiam driblar a postura severa do inquiridor e falar de suas impressões sobre um elemento linguístico, mais abundantes que um simples ‘sim, é isso’.

Reunimos em forma de tabela os dados qualitativos da questão 19 (Quest. 3.3.3 ALERS), organizada por ponto (P), município, símbolo (sím.)³³ cartografado no mapa 5, seguido do comentário metalinguístico. Optamos por não transliterarmos todas as marcas dialetais de cunho

³³ Considerando que o símbolo cheio representa casos de uso ativo da forma *galego* e o símbolo preenchido pela metade para conhecimento passivo. No que concerne à cartografia, utilizamos a fonte de símbolos do método de cartografia pluridimensional e relacional (THUN, 2010).

fonético presentes no *corpus* analisado, pois nosso interesse se centra na variação do conteúdo semântico da forma lexical.

TABELA 1 – Comentários metalinguísticos

Ponto	Município	Sím.	Comentário metalinguístico
409	Abelardo Luz	○	Inq. Uma pessoa loira, chamam de <i>galego</i> aqui? Info. (mulher). Já ouvi! Inq. É? Um loiro chama de <i>galego</i> aqui? Info. (homem). É!
438	Treze Tilias	●	Inq. <i>Galego</i> , e o que é pra você <i>galego</i> , ‘aquele homem é um <i>galego</i> ’, o que é? Info. Um loiro, né. Inq. Cabelos claros? Info. Cabelos claros! Inq. Se usa aqui a expressão? Info. Usa, <i>galego</i> !
441	Caçador	○	Inq. Se alguém diz, <i>ele é um galego</i> , o que vocês entendem? Info. (mulher). <i>Galego</i> é um pequeno, né. Inq. Pequeno, né? Info. (mulher). Nãoo! <i>Galego</i> é um loiro! Inq. Mas aqui o povo sabe o que quer dizer <i>galego</i> ? Info. (mulher). É, <i>galego</i> .. Não muito, não se usa muito, muito pouco essa palavra. Inq. A senhora ouviu por aqui? Info. (mulher). Sim, é.
448	Concórdia	●	Info. ‘Oh, que <i>galega</i> bonita ali!’ Inq. <i>Galega</i> é uma loira? Info. É uma loira, é, é, tem muito rapaz que diz isso.
452	Peritiba	○	Inq. Se dizem, ‘ele é um <i>galego</i> ’, vocês entendem o quê? Info. <i>Galego</i> ? Eu sei o que é uma <i>galega</i> . Inq. O que é uma <i>galega</i> ? Info. <i>Galega</i> é que nem uma loira morena. Ela é pele morena, mas o cabelo dela é loiro. Inq. Mas o povo daqui usa essa palavra? Info. 01. Muito pouco. Info. 02. Muito pouco!
470	Monte Castelo	●	Inq. <i>Galego</i> , o que quer dizer <i>galego</i> ? Info. <i>Galego</i> é um cara loiro, esse é um <i>galego</i> !

471	Papanduva	●	<p>Inq. <i>Galego</i>, o que é um <i>galego</i>? Info. <i>Galego</i> é porque ele é loiro! Inq. Branco? Info. É. Inq. Loiro, é <i>galego</i>? Info. É. Inq. Ela é <i>galega</i>? Info. É, mas eu não uso essa palavra.</p>
473	Mafra	●	<p>Inq. <i>Galego</i>? Info. <i>Galego</i> deve ser uma .. eu digo.. uma pessoa que vem lá de fora, né, talvez é <i>galego</i>, né. Inq. O que você entende por <i>galego</i>? Info. <i>Galego</i> é uma raça, né, uma raça de pessoa. Inq. Ela é <i>galega</i>? Info. Sim. Inq. Por que ela é <i>galega</i>? Info. <i>Galego</i> vem lá de baixo, lá da serra, né (risos). Inq. Alemão é <i>galego</i>? Info. Tem limão <i>galego</i> também. (risos) [incompreensão do informante].</p>
477	Garuva	●	<p>Inq. E <i>galego</i>, o que quer dizer <i>galego</i>? Info. <i>Galego</i> é uma pessoa clara, assim, tipo alemão, polaco.</p>
485	Barra Velha	●	<p>Inq. O que quer dizer <i>galego</i> para vocês? Info. Uma pessoa clara! Inq. Cabelos brancos? Info. É! Inq. Ou a pessoa também de pele branca? Info. É, de pele branca, isso.</p>
486	Lebon Régis	●	<p>Inq. ‘Ele é <i>galego</i>’, o que vocês entendem por aqui quando alguém diz isso? Info. Ele é loiro. Inq. Loiro? Info. Isso, loiro! Inq. Mas o povo usa essa expressão por aqui? Info. Sim, sim!</p>

488	Curitibanos	●	Inq. E se diz ‘aquele rapaz, aquele <i>galego</i> , vai chamar aquele <i>galego</i> lá!’, o que vocês entendem por <i>galego</i> ? Info. Pessoa bem clara. Inq. Bem clara? Info. É! Inq. Cabelo loiro? Info. Isso!
490	Anita Garibaldi	●	Inq. ‘Ele é <i>galego</i> ’, o que quer dizer isso, ‘ <i>ele é um galego</i> ’? Info. É uma pessoa loira.
491	Campo Belo do Sul	●	Inq. Se alguém diz, ‘ele é um <i>galego</i> ’, o que quer dizer isso? Info. É loiro!
495	Otacílio Costa	●	Inq. Se eu digo, ‘ele é um <i>galego</i> ’! O que você entende por <i>galego</i> , hein? Info. Por <i>galego</i> entendo ‘um alemão’!
496	Massaranduba	●	Inq. ‘ <i>Ele é um galego</i> ’, me disseram que ele é um loiro, é? Info. Isso!
497	Benedito Novo	●	Inq. <i>Galego</i> , ‘ele é um <i>galego</i> ’, o que quer dizer isso? Info. <i>Galego</i> seria um alemão, um loiro.
504	Rio do Campo	●	Inq. E <i>galego</i> , ‘ele é <i>galego</i> , vai lá com aquele <i>galego</i> ’. O que quer dizer isso pra vocês aqui? Info. Um claro! Inq. Um claro? Info. Isso.
509	Rodeio	●	Inq. <i>Galego</i> , ‘ele é <i>galego</i> ’, o que vocês entendem se é ‘ <i>galego</i> ’? Info. Se ele é ‘ <i>galego</i> ’, é porque ele é descendente de alemão. Inq. Loiro? Info. Loiro, e é ‘ <i>galego</i> ’, mas é alemão.
511	Blumenau	●	Inq. ‘Ele é <i>galego</i> ’, o que os senhores entendem, ‘vai falar com o <i>galego</i> !’, o que vocês entendem? Info. <i>Galego</i> ? Ele é loiro!
512	Gaspar	●	Inq. O que é um <i>galego</i> para vocês? Info. Um <i>galego</i> é tipo um alemão assim, né. Inq. Loiro? Info. Isso, loiro.

519	Ibirama	●	Inq. Ele é <i>galego</i> , o que quer dizer isso? Info. Ele é um loiro! Inq. Loiro! Isso.
523	Rio do Sul	●	Inq. Como se chama o moço loiro de cabelos e claro de tez e de pele? Info. <i>Galego</i> !
536	Ituporanga	●	Inq. Ele é <i>galego</i> , vocês disseram que ele é um loiro, né. Sim ou não? Info. Sim!
537	Presidente Nereu	●	Inq. Ele é um <i>galego</i> , quer dizer o quê, ele é um loiro, né? Info. É, cabelo loiro!
541	Nova Trento	●	Inq. <i>Galego</i> , ele é <i>galego</i> , o que é <i>galego</i> para vocês? Info.01. Ele é <i>galego</i> , branco, loiro! Info.02. Loiro!
545	Governador Celso Ramos	●	Inq. <i>Galego</i> , “vai lá com aquele <i>galego</i> ”, o que quer dizer isso? Info. <i>Galego</i> é um.. um alemão, né.
548	Antônio Carlos	●	Inq. O que se entende aqui, “ele é um <i>galego</i> ”, o que quer dizer isso? Info. 01. Aqui é que ele é um alemão.. ele é um alemão. Info. 02. Loiro, cabelo vermelho!
559	Paulo Lopes	●	Inq. “Ele é <i>galego</i> ”, o que quer dizer isso, “ele é <i>galego</i> ”? Info. 01. É o do cabelo vermelho! Info. 02. Cabelo vermelho!
561	Lages	●	Inq. E se aqui alguém diz, “ah, ele é <i>galego</i> , vai lá dizer pro <i>galego</i> que é pra avisar (...)”. O que o senhor entende? Info. É, cabelo ruivo, né. Um branco, né. Inq. O povo daqui usa a palavra <i>galego</i> ? Info. Sim, um cara bem branco, bem loiro. Inq. Bem loiro? Info. É!

562	São Joaquim	●	Inq. E o <i>galego</i> , “vai lá chamar o <i>galego!</i> ”, o que quer dizer isso? Info. 01. É um bem branco! Inq. Branco ou..ou.. Info. 02. Louro! Louro! Inq. Louro! Info. 02. Louro! Info. 01. Aham, é!
564	Urubici	●	Inq. E “ele é um <i>galego</i> ”, o que os senhores entendem? Info. 01. <i>Galego</i> é um bem branco, né, pessoa bem branca! Inq. Loiro? Info. 02. Loiro, é! Claro!
565	Bom Retiro	●	Inq. Ele é <i>galego</i> , o que quer dizer “ele é <i>galego</i> ”? Info. Ele é claro, né, é alemão!
587	Criciúma	●	Inq. <i>Galego</i> ? Info. <i>Galego</i> é uma pessoa que tem o cabelo branco, loiro, branco.
589	Timbé do Sul	●	Inq. E ele é <i>galego</i> , “vai lá falar com o <i>galego</i> ”, o que quer dizer isso aqui? Info. É um cara de cabelo claro, loiro, né.
593	Araranguá	●	Inq. E pra você o que quer dizer <i>galego</i> ? Info. <i>Galego</i> é uma pessoa clara, pra nós, um pessoa clara, um cabelo louro. Inq. Pessoa que tem o cabelo loiro é um <i>galego</i> ? Info. Loiro. Ele é claro, é um <i>galego</i> . É isso pra nós aqui.
594	Jacinto Machado	●	Inq. <i>Galego</i> é ruivo, né, loiro? Info. É! Sim!
595	Sombrio	●	Inq. E o que se diz aqui por um <i>galego</i> ? Ele é um <i>galego</i> ? A palavra o <i>galego</i> ? Info. 01. É uma pessoa bem lourinha. Info. 02. Louro!
596	Praia Grande	●	Inq. O que você entende por “ele é um <i>galego</i> ”? Info. <i>Galego</i> é um claro, uma pessoa loira, né.

Fonte: Dados do ALERS questão 19, questionário 3.3.3.

Para melhor compreensão da frequência de cada conteúdo semântico da alcunha *galego*, agregamos, na tabela 2, a quantificação dos dados diarreferenciais. A tabela se constitui de três colunas, na primeira com uma descrição breve da carga semântica, na segunda o total de ocorrências, organizadas decrescentemente, e na última o ponto de inquérito do ALERS (SC) onde se registrou o comentário.

TABELA 2 – Quantificação dos comentários metalinguísticos

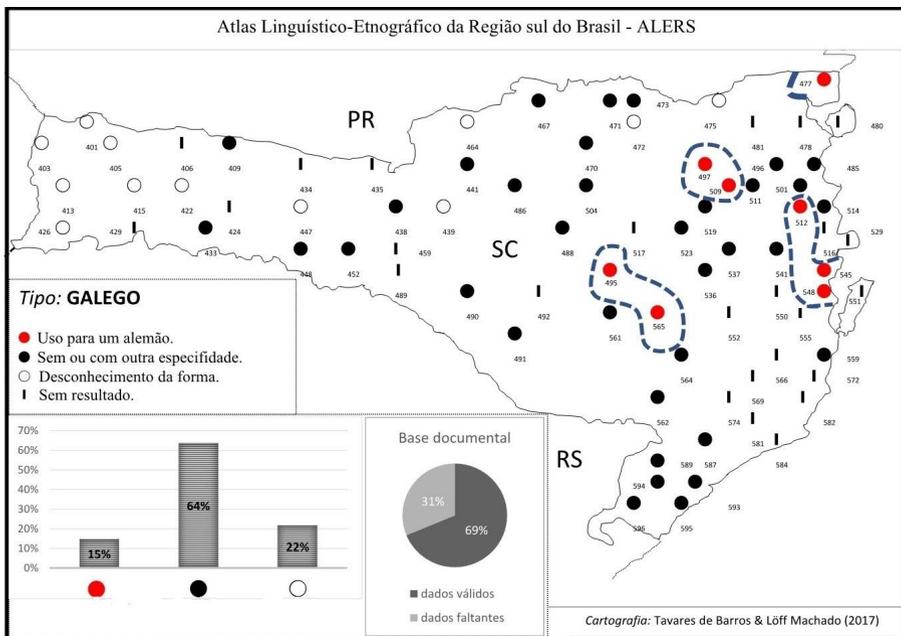
Comentário metalinguístico	Σ	Ponto – ALERS/Santa Catarina
Uma pessoa de cabelos loiros.	30	409, 438, 441, 448, 470, 471, 486, 488, 490, 491, 496, 497, 509, 511, 512, 519, 523, 536, 537, 541, 548, 561, 562, 564, 587, 589, 593, 594, 595, 596.
Uma pessoa de pele (bem) branca, clara.	13	471, 477, 485, 488, 504, 523, 541, 561, 562, 564, 565, 593, 596.
<i>Galego</i> é alguém de origem alemã.	08	477, 495, 497, 509, 512, 545, 548, 565.
Uma pessoa de cabelos avermelhados (ruivo).	04	548, 559, 561, 594.
Uma pessoa de cabelos claros.	04	438, 485, 587, 589.
A palavra é (bastante) usada aqui.	04	438, 486, 561, 593.
A palavra é pouco usada aqui.	02	441, 452.
<i>Galego</i> é alguém de origem polonesa.	01	477.
Uma pessoa pequena.	01	441.
<i>Galego</i> é um “tipo de raça de pessoa”.	01	473.
Só conheço a palavra <i>galega</i> , que é uma moça morena, de pele morena, mas de cabelo loiro.	01	452.
Conheço, mas não uso a palavra.	01	471.
<i>Galego</i> é um forasteiro, alguém de fora.	01	473.
<i>Galego</i> é alguém que veio lá de baixo, da região serrana.	01	473.
<i>Galego</i> é um tipo de limão.	01	473.

Fonte: Dados do ALERS questão 19, questionário 3.3.3.

Apesar de ser a primeira acepção na maioria dos grandes dicionários de língua portuguesa, nenhum dos informantes catarinenses do ALERS afirma usar ou conhecer a forma *galego* para uma pessoa nascida ou que vive na Galiza - Espanha.

Com 30 ocorrências, o uso de *galego* para uma pessoa de cabelos loiros é o mais frequente. Pessoa com pele branca ou de fisionomia clara reuniu 13 comentários. Cabelos claros e avermelhados congregou, cada acepção, 4 ocorrências. Em 08 pontos do ALERS (SC) *galego* é alcunha para um alemão, ou seja, uma pessoa de origem alemã. E apenas 01 para os descendentes de poloneses (popularmente *polacos*³⁴).

MAPA 6 – Uso de galego para denominar os descendentes de alemães



Fonte: Elaborado por F.H. Tavares de Barros e L. Löff Machado.

³⁴ Ver discussão sobre o uso dessa alcunha em Tavares de Barros, Löff Machado e Philippsen (2017).

Em 08 pontos do ALERS (SC), como supracitado, *galego* é alcunha para um alemão, ou seja, uma pessoa de origem alemã. Os descendentes de alemães, por serem um grupo muito representativo no Estado de Santa Catarina, costumam reunir pelo menos uma das acepções relacionadas à fisionomia: cabelo loiro ou ruivo, tez e pele (bem) branca. Como mostra o mapa 6, o uso da forma para o vizinho alemão é registrado desde pontos catarinenses da colônia portuguesa no litoral (477, 545 e 548), até em pontos mais interioranos e próximos do contato com a colônia alemã (497, 509, 512, 495, 565).

8 Por que os *galegos* no Brasil são loiros e brancos? Hipóteses de sua etimologia

Os cabelos, a pele e os olhos claros são características particulares das populações caucasianas. Na maioria dos caucasoides, os cabelos podem “ser loiros (dourados) ou de diferentes tons de ruivo (coloração vermelha); os olhos azuis, cinza, cor de amêndoa ou um indeterminado azul ou cinza-esverdeado”³⁵ (BEALS; HOIJER, 1965, p. 212). As populações caucasianas do noroeste da Europa (nórdicos) possuem uma alta porcentagem de pessoas altas, cabelos claros, olhos azuis e fenótipos claros, em comparado às outras variedades desse tipo racial (BEALS; HOIJER, 1965, p. 216).

Não é difícil escutar dos espanhóis e dos portugueses o imaginário que os *galegos*, e de maneira geral, as populações do norte da Península Ibérica possuem a pele mais clara. Até nas especulações da etimologia do nome Galiza, esse clichê se sobressai. Como exemplo, já havia no séc. VII d.C a hipótese de Isidoro de Sevilha³⁶ (Santo Isidoro, c560-636), segundo a qual *Galiza* (lat. *Gallaecia*) originava do grego *gala* (port. leite), denominação motivada por, aparentemente, os *galegos* terem a pele branca, ou seja, “brancos de corpo e os *galleci* mais que o resto dos hispanos” (CAÑADA, ca. 2003, p. 140). Assim também afirmava o lexicógrafo espanhol (séc. XV) Alfonso de Palencia (1490): “*galeci*, del

³⁵ “Golden, or various shade; the eyes blue, gray, hazel, or an indeterminate blue- or gray-green.” (BEALS; HOIJER, 1965, p. 212, tradução nossa).

³⁶ Isidoro de Sevilha foi um bispo espanhol (600-636) conhecido por sua obra *Etymologiae*, uma obra erudita reunida em 20 livros com um número imenso de étimos (VIARO, 2011, p. 35).

blancor se dizem segund que los galos, por que son más blancos que las otras gentes delas Españas” (NIETO JIMÉNEZ; ALVAR EZQUERRA, 2007, p. 5012).

Como o uso de *galego* em Santa Catarina se encontra principalmente entre as zonas de colonização açoriana e luso-brasileira, se faz necessário compreender na historiografia, nos estudos antropológicos e de geografia humana, a descrição da fisionomia dos portugueses. Principalmente quando se considera que na lexicografia portuguesa se registra o uso de *galego* entre os portugueses do sul (os alentejanos, em particular) para denominar os do norte.³⁷ De acordo com a descrição do respeitado geógrafo português Orlando Ribeiro:

A população portuguesa compõe-se, como a maior parte dos povos da Europa Ocidental, de três elementos: o *mediterrâneo*, largamente preponderante em todo o País, caracteriza-se pelos traços morenos – pele, cabelo, olhos –, estatura meã a baixa, crânio alongado, face média ou estreita, constituindo o tipo mais comum do português; o *alpino* distingue-se do anterior principalmente pelo crânio mais curto e pela face mais larga e a sua influência parece mais sensível no Sul; o *nórdico*, com olhos, pele e cabelos claros e estatura mais elevada: embora bastante generalizada, a sua influência é mais forte em Entre Douro e Minho, onde se encontra excesso significativo (entenda-se: em relação à média do País) de olhos azuis, cabelos loiros, peles rosadas e estaturas mais elevadas. (RIBEIRO, 1987, p. 17).

Segundo a interpretação do geógrafo alemão Hermann Lautensach, os antropólogos portugueses costumam classificar os “tipos raciais” lusitanos em 4 categorias. Três delas (tipo 01, 02 e 04) compartilham características mais mediterrâneas: cabelos pretos (tipo 01), estatura média (tipo 04) e pequena (tipo 01), fisionomia morena (tipos 02 e 04), por vezes muito morena (tipo 04). O tipo racial 01, conhecido como mediterrâneo, constitui maioria da população portuguesa atual “já que tanto a dominação romana como a invasão árabe introduziram sangue do tipo” (LAUTENSACH, 1989, p. 712). Os portugueses mais morenos de “queixo saliente, nariz aquilino encurvado e grandes olhos

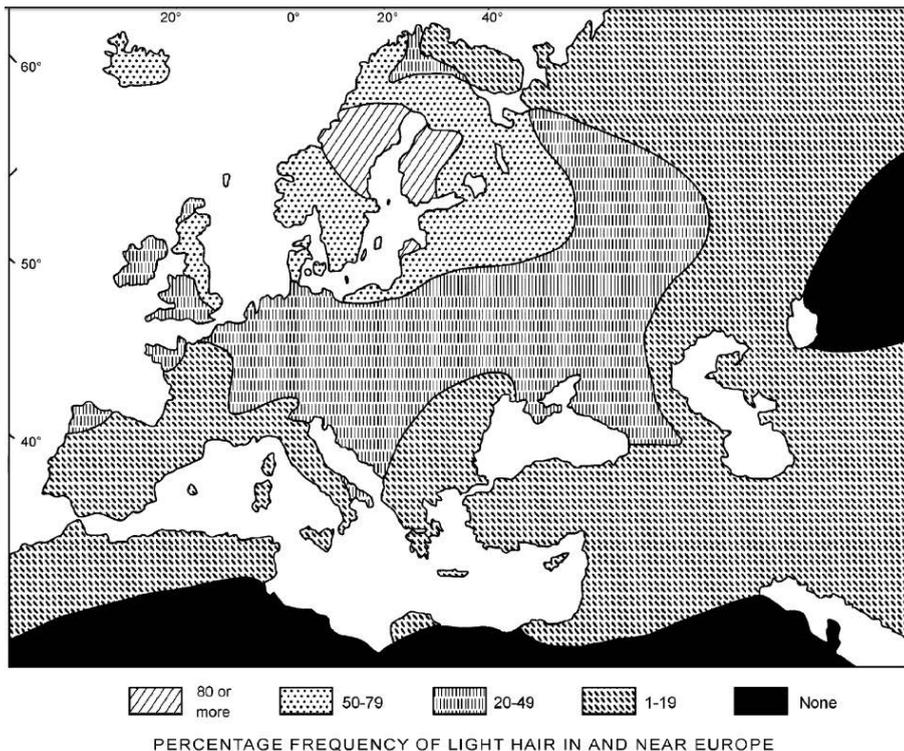
³⁷ Cabe lembrar que parte considerável do norte de Portugal formava o antigo território da Galiza.

em forma de amêndoa” (LAUTENSACH, 1989, p. 712), para Lautensach, estão no Algarve (sul de Portugal), entre a população pescadora e no litoral noroeste. Apenas o tipo 03 possui estatura elevada, tez branco-avermelhada, olhos claros, cabelo louro ou arruivado.

O tipo 03 é classificado por Lautensach (1989, p. 713) como advindo do substrato nórdico.³⁸ O sangue nórdico, segue o autor, “não foi só introduzido pelos suevos e visigodos; existia já anteriormente, pois foram encontrados esqueletos de tipo nórdico nos túmulos de Cascais, de idade lusitano-romana”. De acordo com Lautensach (1989, p. 713), ainda não é certo dizer que “foram os celtas que trouxeram pela primeira vez sangue nórdico para Portugal”. O que afirma o autor é que os de características nórdicas acentuadas estão espalhados entre a gente de fisionomia morena em diversos lugares de Portugal. Contudo, segundo observações próprias desse pesquisador, há uma frequência maior no Minho (norte de Portugal), tanto no litoral Minhoto quanto nos vales do rio Minho, citando, como exemplo, as localidades de Melgaço e Monção. Para Lautensach (1989, p. 713), a fisionomia mais comum entre os portugueses é a denominada tipo misto: que dos traços nórdicos herdamos apenas a cor avermelhada do rosto e a estatura, pelo menos média, sendo as restantes características de origem mais mediterrânea.

³⁸ É importante salientar que o conceito ‘nórdico’ usado na antropologia portuguesa se remete aos povos originários das terras para lá do norte da Península Ibérica (os celtas, suevos etc.), e não particularmente dos países escandinavos.

MAPA 7 – Porcentagem e frequência de cabelos claros na Europa

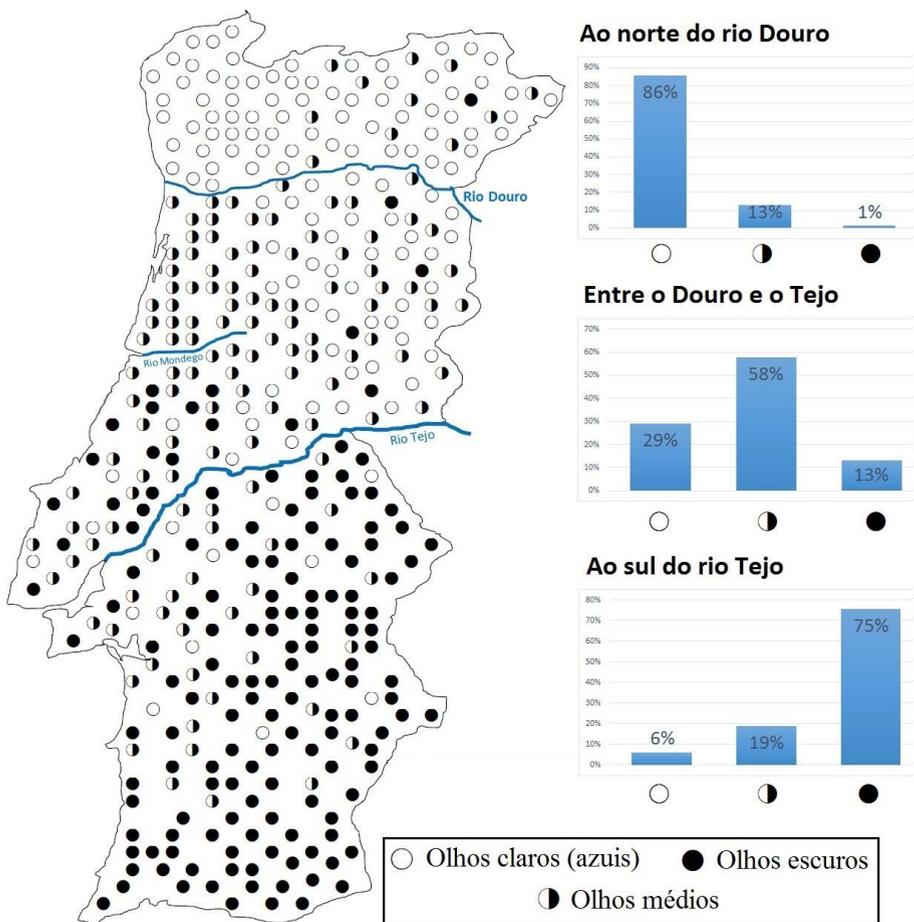


Fonte: Beals e Hoijer (1965, p. 214).

Mais especificamente com relação à lexia *galego*, como já vimos, a lexicografia brasileira costuma apontar duas acepções mais frequentes. A primeira que o uso de *galego* é para designar os portugueses, e a segunda para denominar pessoas de cabelos loiros e pele clara. Esta última acepção, porém, não serve para descrever a primeira, se considerarmos o que dizem Ribeiro (1987) e Lautensach (1989), ou seja, os portugueses possuem características fisionômicas bem contrastantes. Apesar do senso comum brasileiro tratar os europeus como brancos, e, por vezes, loiros e de pele clara, esses traços físicos não retratam por completo a realidade fisionômica dos imigrantes portugueses e de seus descendentes. Já havia uma diversidade de tons de pele, estaturas, olhos, cabelos entre os lusitanos antes da onda imigratória para o Brasil.

O que não podemos responder é se essa percepção interna no grupo imigratório existia e teria, portanto, originado esse conteúdo semântico – pessoa loira e de pele clara – antes de se assentarem no Brasil. Apesar desta se constituir uma hipótese. O que podemos afirmar é que entendê-la como originada na percepção de tons diferentes de pele e cabelo entre os luso-brasileiros e os portugueses é uma interpretação superficial do caso.

MAPA 8 – Distribuição da cor dos olhos em Portugal



Fonte: Adaptado (réplica) de Amorim Girão (1960, p. 236).

Vale ressaltar ainda que, a lexicografia portuguesa não aponta vestígios sobre a segunda aceção, o que não nos auxilia na sustentação dessa hipótese. O que se soma a essa interpretação é que os cabelos loiros na Península Ibérica, não só em Portugal, são uma característica minoritária, e provinda dos povos nórdicos. Além disso, é conhecido o aspecto intrínseco da alcunha em denominar minorias pela maioria. Assim, ser loiro e ter olhos e pele de tons mais claros é, nesse caso, um traço minoritário no contexto ibérico e, hipoteticamente, pode estar relacionado a uma região geográfica. O mapa 7 apresentado pelos antropólogos Beals e Hoiyer (1965, p. 214), por meio de anotações de campo de Frederick Hulse, apontam a região da antiga Galícia como a que possui maior porcentagem de pessoas com cabelos claros na Península Ibérica. A Galiza é cartografada com 20 a 49% da característica citada, em contraste com o restante da Península inserida na menor parcela, de 1 a 19%. A região da Europa com maiores índices de cabelos claros é a Escandinávia.

Como já vimos, uma característica do substrato nórdico é a pigmentação clara dos olhos, em particular os olhos que tendem ao tom azulado. No mapa 8, apresentado pelo conhecido geógrafo português Amorim Girão (1960, p. 236) através das 11.601 anotações do antropólogo Eusébio Tamagnini, se observa uma divisão clara na distribuição da coloração dos olhos em Portugal. O norte lusitano de fenótipo mais nórdico (coloração mais clara) e a parte sul de fenótipo mais mediterrâneo (coloração mais escura). Entre os rios Tejo e Douro há, ainda, uma zona geográfica de transição, na qual a coloração majoritária é média. Com o detalhe que, ao norte e leste do vale do Rio Mondego, há uma preponderância de olhos de cor mediana e clara.

Seriam, portanto, os *galegos*³⁹ os mais loiros na Península Ibérica?⁴⁰ Aparentemente os estudos de antropologia e de geografia humana indicam que sim.

Assim sendo, a questão do conteúdo semântico – pessoa loira e clara – pode ter suas raízes num estágio anterior da língua portuguesa,

³⁹ Compreendendo o sentido dessa alcunha como aquele que engloba todos os povos que estão acima do Alentejo (norte de Portugal e a Galícia atual).

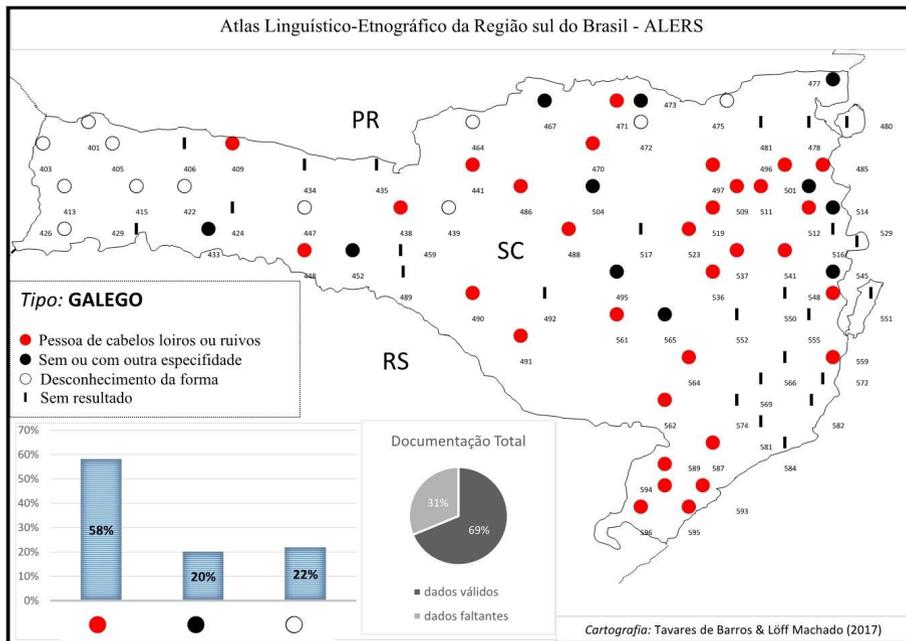
⁴⁰ Outro aspecto que deve ser tomado em consideração é como os portugueses e os brasileiros consideram uma pessoa loira ou morena, e os graus dessa percepção. Cabe ressaltar que, não encontramos pesquisas sobre esse tema específico.

portanto, anterior às levas de imigração portuguesa ao Brasil. Seria, dessa forma, um caso de arcaísmo semântico uma vez que em Portugal, até onde se sabe, não se conhece e tão pouco se usa esse sentido para a alcunha *galego*. A falta de registros na lexicografia portuguesa, no entanto, exige estudos mais aprofundados para confirmar tal hipótese.

O mapa 9, a seguir, mostra a arealização da acepção “pessoa de cabelos loiros” e “pessoa de cabelos ruivos/ avermelhados”. Resolvemos abstrair as duas acepções no mapa por meio do símbolo hachurado em vermelho. Isso pelo fato que ambas tonalidades de cabelos são por vezes confundidas e tratadas como semelhantes. Eis o caso dos comentários metalinguísticos nos pontos 548, 561 e 594. O símbolo hachurado em preto é empregado tanto para os casos de respostas que não apresentaram uma especificidade semântica, quanto para os que o conteúdo semântico era outro. Como nos mapas 5 e 6, o símbolo vazio representa o desconhecimento da forma por parte do informante e o traço vertical para sem resultados no ponto de inquérito.

Como se pode ver no mapa 9, em Santa Catarina, a carga semântica – pessoa loira ou ruiva – está presente em toda região de ocorrência da forma *galego*. Sem formar, portanto, uma isoglossa específica dentro da diatopia de uso e conhecimento da mesma. Esse sentido corresponde a 58% dos casos registrados para a referida lexia, ou seja, o de maior ocorrência. Portanto, para onde a forma foi difundida se encontra também seu conteúdo semântico majoritário.

MAPA 9 – Uso de *galego* para denominar pessoas loiras ou ruivas



Fonte: Elaborado por Tavares de Barros e Löff Machado.

Considerações finais

Como os dados do ALERS revelaram, o uso da alcunha *galego* parece ser elemento léxico próprio da colônia portuguesa e das regiões luso-brasileiras em Santa Catarina. O seu uso se expandiu tanto da faixa açoriana para o interior catarinense de colonização alemã, italiana e eslava, quanto da faixa luso-brasileira (na rota dos tropeiros) para o interior de substrato linguístico em que o elemento luso é minoritário.

O uso de *galego* para alcunhar os descendentes de alemães foi uma das acepções documentadas (8 ocorrências). Aqui, pode estar relacionada à experiência dos portugueses com os antigos vizinhos na Península Ibérica, os *galegos*. Os *galegos* são, às vezes, loiros, e, por essa percepção, opera-se a generalização “todos os loiros são *galegos*”. No novo contexto, já do outro lado do Atlântico, os loiros, geograficamente mais próximos, são, em sua maioria, os vizinhos teuto-brasileiros. Em

vista disso, o uso de *galego* para denominar os alemães pode aludir uma memória coletiva dos lusitanos cristalizada no emprego da alcunha.

Considerando que os Açores têm nas suas raízes de povoamento (a partir de 1400) diferentes grupos vindos de Portugal continental, existe uma certa probabilidade de que o antropônimo *galego* em Santa Catarina tenha origem desse traslado linguístico⁴¹. Por sua vez, não se pode descartar que o conteúdo semântico “pessoa loira e clara” tenha procedência das relações entre o sul e o norte português, justamente por haver uma diferença significativa na fisionomia advinda dos substratos dos antigos povoadores. Em Portugal os aspectos “alourado” e “arruivado” só aparecem com o denominativo *galego* nas características de alguns frutos e plantas, como o caso do trigo *galego-barbado* e *galego-rapado* (ou *mocho-ruivo*) e das variedades de uva *galego-dourado* e *galego-de-Montemor* (EÇÃ, 1944-1945, p. 53). Se seria um caso de *relict* semântico relacionado à acepção “pessoa loira e clara” em Santa Catarina, cabe às futuras investigações afirmarem.

Como a alcunha *galego* historicamente é usada no sul de Portugal com ar de zombaria (LEITE DE VASCONCELOS, 1890-1892, p. 72) para se referir aos portugueses do norte, tanto a cor da pele, como também dos cabelos e dos olhos poderiam ter motivado o uso desse apodo, quando as mesmas características fossem motivo de riso e chacota.

A Galiza e os galegos são elementos muito frutíferos na Antroponímia e Toponímia Ibérica e da România Nova. Apesar dos tantos registros encontrados na Lexicografia, é perceptível os mistérios que o apodo *galego* ainda esconde nas manifestações da Lusofonia. Os dados do ALERS somente revelam parcialmente essa multiplicidade de cargas semânticas que a forma denominativa produz. O presente estudo foi uma contribuição para que a Filologia Histórica, a Dialectologia e a Onomástica compreendam melhor a figura folclórica do *galego* na expressão etnográfica luso-brasileira e na cultura portuguesa do Brasil.

⁴¹ Cabe aqui ressaltar que, entre os portugueses assentados por meio da onda imigratória para o litoral de Santa Catarina, não havia apenas açorianos, senão também, em número menor, imigrantes da Madeira e de Portugal continental.

Agradecimentos

Agradecemos ao Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS – Porto Alegre, Brasil) pela confiança em nos ceder os dados do ALERS para esta pesquisa; ao Prof. Dr. Henrique Monteagudo (Real Academia Galega), por suas contribuições da literatura do folclore *galego* português; à Alma Sánchez Núñez, leitora de língua e cultura galega na Universidade de Kiel, pelo auxílio prestado, e à colega Amalia Pérez Valiño pela boa vontade em ajudar; aos colegas Luana Cyntia dos Santos Souza (UFRGS – Porto Alegre), Mario Ruíz Moreno (Universidade de Hamburgo), Selmo Figueiredo Júnior (Universidade de São Paulo), Facundo Reyna Muniain (Universidade de Bremen / Universidade de Kiel) por seus auxílios, a Rebecca Borges e Silva (Universidade de Bremen) e Fabiana Santos Zebner (Universidade de Hanover) pela “sabedoria cearense e pernambucana”; e a Mailson dos Santos Lopes (UFBA), pela colaboração com referências bibliográficas. Também exprimimos nossa gratidão ao Prof. Dr. Harald Thun (CAU, Kiel- Alemanha), pelos comentários e observações metodológicas; à Profª. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte, Brasil), pela atenção e contribuição com referências lexicográficas, e por fim, aos pareceristas anônimos desse trabalho que nos trouxeram importantes apontamentos.

Referências

ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (Org.). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis, Ed. UFSC, 2011.

ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT; Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.

AMORIM GIRÃO, A. *Geografia de Portugal*. 3. ed. Porto: Portucalense Editora, 1960.

ASSO, J. P. *Nuevo diccionario etimológico aragonés: voces, frases y modismos usados en el habla de Aragón*. Zaragoza: Gara d’Edicions, 2002.

BARROS, V. F.; GUERREIRO, L. M. *Dicionário de Falares do Alentejo*. Porto: Campo das Letras, 2005.

BARROS, V. F. *Dicionário do falar de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Lisboa: Âncora Editora; Edições Colibri, 2006.

BARROS, V. F. *Dicionário de Falares das Beiras*. Lisboa: Âncora Editora; Edições Colibri, 2010.

BEALS, R. L.; HOIJER, H. *An introduction to Anthropology*. 3 ed. Toronto; Canadá: The Macmillan Company, 1965.

BEIRANTE, M. Â. Onomástica galega em duas cidades do Sul de Portugal: Santarém e Évora. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, n. 6, p. 103-110, 1992. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/6698>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra; Lisboa: Lisboa Colégio das Artes; Pascoal da Sylva, Joseph Antonio da Sylva, Patriarcal Officina da Musica, 1712-1728. Consulta feita no *Corpus Lexicográfico do Português*. Disponível em: <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Concordancias>>. Acesso em: 11 set. 2017.

BORBA, F. S. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRITO, M. F. A. S. C. P. A alcunha: configuração linguística de um continuum afectivo (observação de uma micro-sociedade de tipo clânico). *Revista Hvmánitas*, Coimbra, v. L, n. 50, Tomo II, p. 835-866, 1998. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas50/48.2_Carvalho_Brito.pdf>. Acesso em: 19 set. 2017.

CABRAL, T. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1972.

CÂMARA; B. A. D. *O “retalho” do comércio: a política partidária, a comunidade portuguesa e a nacionalização do comércio a retalho, Pernambuco 1830-1870*. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

CÂMARA CASCUDO, L. *Ensaio da etnografia brasileira* (Pesquisas na cultura popular do Brasil). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

CAÑADA, S. *Gran enciclopédia galega*. Lugo: El Progreso; Diario de Pontevedra, ca. 2003.

CARDOSO, J. *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Coimbra: João Álvares, 1510-1569. Consulta feita no *Corpus Lexicográfico do Português*. Disponível em: <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/LerFicha.asp?Edicao=4&Posicao=59671>>. Acesso em: 11 set. 2017.

CARVALHINHOS, P. J. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de lingu@gem: Revista Eletrônica de Lingüística*, Ano 1, n. 1, 1º Sem. 2007.

CASARES, J. *Diccionario ideológico de la lengua española*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1942.

CASTELEIRO, J. M. (Cord.). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa; Editorial Verbo, 2001. 2 v., 3809 p.

CHUCHUY, C.; BOUZO, L. H. *Nuevo Diccionario de Americanismos Tomo II: Nuevo Diccionario de Argentinismos*. Santafe de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993.

CLEROT, L. F. R. *Vocabulário de termos e gíria da Paraíba: estudo de Glotologia e Semântica Paraibana*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1959.

COSTA, J. R. M. *O livro dos provérbios portugueses*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

CRUZ, M. A. A. *Diccionario temático: americanismos*. Léon: Editorial Everest, 1888-1980.

DAL CORNO, G. O. M. Léxico e identidade regional nas comunidades da antiga rota dos tropeiros. In: ENCONTRO DO CELSUL, IX, 2010, Palhoça. *Anais...* Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010. p. 1-9.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA (DEL) de la Real Academia Española (RAE). Disponível em: <<http://dle.rae.es/index.html>>. Acesso em: 18 set. 2017.

DICCIONARIO DEL HABLA DE LOS ARGENTINOS. 2. ed. Buenos Aires: Enecé Editores; Academia Argentina de Letras, 2008.

EÇÃ, J. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Gab-Heh; Editorial Enciclopédia Limitada, 1944-1945. v. 12.

ESTRAVÍS, I. A. *Dicionário da língua galega*: Madrid: Alhena Ediciones, 1986. Tomo II.

FERRAZ, L. P. P. “*Deus te leve a Pernambuco*”: antilusitanismo, legislação e estatística na história da imigração portuguesa para Pernambuco (1945-1964). 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

FERREIRA, C. *et al.* (Org.). *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS). Salvador: UFBA/Instituto de Letras; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FILIPAK, F. *Dicionário sociolinguístico paranaense*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

FURLAN, O. A. Aspectos da influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 165-186.

FURLAN, O. A. 250 anos de influência açoriana no português do Brasil. *Revista Ágora*, Florianópolis, v. 13, n. 27, 1998a. Disponível em: <<https://agora.emnuves.com.br/ra/article/view/190/pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

FURLAN, O. A. Influência dos Açores no português do Brasil, 250 anos depois. *Revista Insulana*, Ponta Delgada, Açores, v. LIV, p. 23-51, 1998b.

FURLAN, O. A. O português dos catarinenses de ascendência luso-brasileira comparado com o português europeu. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, BA, n. 5, p. 227-253, dez. 1986.

GUIMARÃES DA SILVA, F. A. *Dicionário da ilha: falar e falares da ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Cobra Coralina, 1994.

HAENSCH, G.; WERNER, R. *Diccionario del español de Cuba*. Madrid: Editorial Gredos, 2000.

HOLANDA FERREIRA, A. B. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Mapas político-administrativos regionais. Base de dados de 2010. Disponível em: <<https://mapas.ibge.gov.br/politico-administrativo/regionais>>. Acesso em: 22 fev. 2018

KREMER, D. Antroponímia e Toponímia: sobre alguns autores de referência e desideratas. *Actas Sarmiento*, p. 719-727, 2006.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (Org.). *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2. ed. Porto Alegre; Florianópolis: Editora da UFRGS; Ed. UFSC, 2011.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Maim: TFM, 2000. p. 55-69.

LARA, L. F. *Diccionario del español de México*. México: El Colegio de México; Centro de Estudos Linguísticos y Literarios, D.F, 2010.

LAUTENSACH, H. Geografia da população. In: RIBEIRO, O. A.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. *Geografia de Portugal: o povo português*. Lisboa: Edições Joao Sá da Costa, 1989.

LEITE DE VASCONCELLOS, J. L. *Antroponímia portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a idade média até hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

LEITE DE VASCONCELOS, J. L. *Etnografia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1958. v. IV.

LEITE DE VASCONCELOS, J. L. *Revista Lusitana*. Porto: Livraria Portucalense, 1890-1892. v. II.

MONES, U. *Nuevo Diccionario de Americanismos Tomo III: Nuevo Diccionario de Uruguayismos*. Santafe de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993.

MORÍNIGO, M. A. *Diccionario del Español de América*. Madrid: Anaya & Mario Muchnik, 1993.

NASCENTES, A. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1966.

NEVES, A. N. *Diccionario de Americanismos*. Buenos Aires: Editorial Sopena, 1973.

NIETO JIMÉNEZ, L; ALVAR EZQUERRA, M. *Nuevo tesoro lexicográfico del español (s. XIV-1726)*. Madrid: Editorial Arco Libros, 2007. v. 6 G-K.

NUNES, N. N.; KREMER, D. *Antroponímia primitiva da Madeira e repertório onomástico histórico da Madeira século (XV e XVI)*. Tübingen: Niemeyer, 1999.

NUNES, Z. C.; NUNES, R. C. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

OLIVEIRA, Alberto J. *Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. 2. ed. Porto Alegre: Editora AGE, 2003.

ORTÊNCIO, W. B. *Dicionário do Brasil central: subsídios à Filologia, linguagem, usos e costumes, folclore, toponímia dos municípios goianos*. São Paulo: Ática, 1983.

PENA, X. A. *et al. Gran diccionario século 21 da lingua galega*. Vigo: Editorial Galaxia, 2005.

PEREIRA, B. *Thesouro da língua portuguesa*. Évora: Tipografia da Academia, 1697. Consulta feita no *Corpus Lexicográfico do Português*. Disponível em: <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Concordancias&tipo=formpalavra&palavra=209732>>. Acesso em: 11 set. 2017.

PETRUCCELLI, J. L. (Org.). Auto identificação, identidade étnico-racial e hétero classificação. In: PETRUCCELLI, J. L.; SABOIA; A. L. (Org.). *Características étnico raciais da população: classificações e identidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. p. 31-50.

PIRES, M. *Pequeno vocabulário mirandês-português*. Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro, 2004.

PLAGER, F. *Diccionario integral del español en la Argentina*. 1 ed. Buenos Aires: Voz Activa, 2008.

POLANAH, L. O estudo antropológico das alcunhas. *Revista Lusitana* (Nova Série), Universidade do Minho, v. 7, p. 125-145, 1986.

QUESADA PACHEDO, M. A. *Nuevo diccionario de costarrriqueñismos*. Cartago: Editorial Tecnológica de Costa Rica, 1991.

RAMOS, F. M. *Alcunhas alentejanas: estudo etnográfico*. Monsaraz: [s. n.], 1990.

RAMOS, F. M.; SILVA, C. A. da. *Tratado das Alcunhas Alentejanas*. Lisboa: Arte Mágica, 2003.

REYES, J. M.; REYES TABORGA, I. M. *Diccionario de bolivianismos y semántica boliviana*. 1. ed. La Paz: Librería Editorial Juventud, 1982.

RIBEIRO, O. *A formação de Portugal*. 1. ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

ROMERO, M. *Diccionario de salvadoreñismos*. 2. ed. El Salvador: Editorial Delgado, 2005.

SARAMAGO, J.; SEGURA, L.; VITORINO, G.; BARROS FERREIRA, M. *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç)*. 2012. Disponível em: <<http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/>>. Acesso em: 18 set. 2017.

SERAINE, F. *Dicionário de Termos Populares registrados no Ceará*. [s. l.]: Organização Simões; Editora Rio, 1958.

SILVA NETO, S. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 1958.

SIMÕES, G. A. *Dicionário de expressões populares portuguesas: arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos, frases feitas, lugares comuns, aportuguesamentos, estrangeirismos e curiosidades da linguagem*. Lisboa: Perspectivas e realidades, 1984.

SIMÕES, T. S. B. *Dicionário do falar raiano de Marvão*. 1. ed. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

TABOADA, J. *La descalificación de Galicia en la Literatura y en el pueblo*. Douro Litoral, Porto, v. 6, n. 7-8, p. 105-127, 1955.

TAVARES DE BARROS, F. H.; LÖFF MACHADO, L.; PHILIPPSEN, N. I. Alcinhas e (i)migração no sul da Amazônia Meridional. *Revista Organon*, Porto Alegre, UFRGS, v. 32, p. 1-15, n. 62, 2017.

THUN, H. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, A.; KEHREIN, R.; RABANUS, C. (Ed.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.